



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFROBRASILEIRA
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS - ILL
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

YURI BARBOSA DE MORAIS PESSOA

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IMAGEM DO CANDIDATO LULA EM
GRUPOS DE WHATSAPP DURANTE O SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES DE
2022**

REDENÇÃO/CE
2024

YURI BARBOSA DE MORAIS PESSOA

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IMAGEM DO CANDIDATO LULA EM
GRUPOS DE WHATSAPP DURANTE O SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES DE
2022**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Estudos da Linguagem junto ao Programa de
Pós-Graduação Mestrado em Estudos da
Linguagem, da Universidade da Integração
Internacional da lusofonia Afrobrasileira.

Linha de pesquisa: Linguagem: práticas
textuais-discursivas

Aprovada em: ____/____/____

Prof^a. Dr^a. Maria Leidiane Tavares Freitas
(Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Rabelo e Silva
(1^a Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Rodrigo Ferreira Viana
(2^o Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Pessoa, Yuri Barbosa de Moraes.

P567c

A construção discursiva da identidade do candidato Lula em grupos de Whatsapp durante o segundo turno das eleições de 2022 / Yuri Barbosa de Moraes Pessoa. – Redenção, 2025.
87f: il.

Dissertação – Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares.

1. Análise crítica do discurso. 2. Presidentes – Brasil – Eleições, 2022. 3. WhatsApp (Aplicativo de mensagens). I. Título

CE/UF/BSP

CDD 401.41

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como esse é o resultado das inúmeras experiências e relações que fazem parte da formação dos autores como pessoas, cientistas, profissionais, estudantes, professores, amigos e familiares. Digo isso, pois o Yuri, na presente data de defesa, é uma versão imensamente mais evoluída do que o Yuri que ingressou no programa de mestrado em 2022. Essa evolução se deve, principalmente, às pessoas envolvidas nas relações e experiências que permitiram a minha chegada até aqui. Quero, aqui, fazer um breve agradecimento às pessoas que deram muito de si para construir essa contribuição à ciência e que deixaram uma parte de si no trabalho e em mim. Não sou tão bom com a expressão de sentimentos e, mesmo que fosse, creio que nenhuma palavra comporta a imensa gratidão e reconhecimento que tenho por pessoas e instituições tão importantes em minha vida acadêmica.

Tentarei fazer um breve apanhado em ordem retroativa. Começando por agradecer essa “casa” que me acolheu e me mostrou mais uma parte do mundo com a qual eu sonhava ter contato, parte essa que evoca as minhas ancestralidades e raízes (poderia dizer: ancestralidade mundial), uma vez que descendo, também, do povo Bantu. Essa “casa” a que me refiro é a UNILAB, que desempenha um papel importantíssimo para pôr em prática um pouco da reparação histórica que não sei se será possível alcançar, mas, pelo menos, como prega a ADC, esta “casa” UNILAB e seu fator humano estão trabalhando para reequilibrar as relações de poder desequilibradas de forma desumana e violenta por um passado reprovável de nossa história como humanidade. Agradeço à UNILAB, seus funcionários, professores e estudantes, que formam um grupo extremamente diverso e acolhedor, e aos mascotes “Unilabianos” que tornaram minha passagem bem mais cheia de afeto.

Agradeço à CAPES e à nossa sociedade brasileira por me proporcionarem a minha primeira bolsa acadêmica e por investirem em mim e na ciência brasileira. Bolsa essa que tornou meu período de estudo e pesquisa mais eficiente e confortável, por questões de saúde mental, em relação a uma dedicação bem maior ao mestrado e à nossa pesquisa.

De suma importância, agradeço à minha orientadora, Professora Dra. Maria Leidiane Tavares, por todo o aprendizado, pela atenção, pelo incentivo em suas palavras de confiança, carinho e disponibilidade, e, sobretudo, pela orientação. Seu trabalho como orientadora é, sobretudo, humano e afetuoso, o que preserva muito nossa saúde mental e nos faz querer replicar essa abordagem.

Na sequência de agradecimentos aos meus docentes, quero incluir a minha amiga, professora, acolhedora e quem me apresentou à ADC, a Professora Dra. Ana Paula Rabelo e

Silva. Você foi a responsável por eu estar hoje nesse “lugar”, responsável pela grandiosa experiência de alcançar um mestrado na UNILAB e ser orientado pela professora Leidiane. Te agradeço imensamente por todo o exemplo, toda a credibilidade, todo o conteúdo e ensinamentos, toda a atenção e carinho em ter paciência comigo, em me orientar desde o início da nossa trajetória acadêmica juntos, e por todo o suporte para que eu conseguisse trabalhar e seguir no mestrado.

Quero agradecer ao Professor Dr. Rodrigo Viana, que participou das duas últimas bancas (qualificação 2 e defesa), pela imensa contribuição e direcionamento intelectual e de conteúdo. Pela forma super-atenta e afetuosa como você me fez todas as sugestões para chegar até aqui.

Agradeço, de forma conjunta, aos três professores que participaram da minha banca examinadora e que citei, nominalmente, acima. Posso dizer, resumidamente, que são um exemplo de união do conteúdo, orientação e produção científica e intelectual de forma humana e afetuosa.

Ainda no âmbito acadêmico, mas voltando para minha primeira casa na minha trajetória acadêmica, agradeço grandiosamente à Professora Dra. Áurea Zavam pela valiosíssima experiência como seu aluno na graduação e orientando no estágio de docência, e pela amiga que a senhora se tornou. Agradeço profundamente o enorme incentivo que a senhora me deu para entrar no mestrado, me incentivando a participar da seleção. Não esquecerei suas palavras; foi assim que me inscrevi, e foi essa inscrição que me permitiu estar aqui no MEL-UNILAB.

Agora, agradeço a todos os meus colegas e amigos, os quais não vou nominar, pois a lista é bem maior e deixarei os comentários particulares para fazê-los de forma oral e individual em momento oportuno. Obrigado por me ajudarem, por me acolherem, por compreenderem e me apoiarem em minhas dificuldades. Obrigado pelos momentos de diversão e estudos juntos, que alimentaram minha alma com energia para continuar nessa jornada.

Agora quero agradecer à minha família e, nessa parte, vou fazer algumas citações nominais; porém, a lista de familiares que contribuíram com minha trajetória é imensa. Portanto, quem eu não nominar, me perdoe e saiba que agradecerei de forma individual em momento adequado.

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Raimunda Barbosa de Moraes essa mulher a quem devo a vida, minha excelente educação (não posso reclamar de nada), apesar de algum problema nesse sentido não ser culpa dela, a quem eu devo a pessoa que me tornei. Ela, que

me deu o exemplo de sempre tentar ser uma pessoa melhor, mais justa e mais doce, apesar das dores da vida. Ela é sempre a primeira pessoa que acredita e faz de tudo para que eu siga em frente.

Agora vou passar aos meus tios Silvino Moraes e sua mulher, tia Anna Maria Barroso, que desde sempre incentivaram, acreditaram e financiaram minha carreira acadêmica. Eles sempre acompanharam todos os passos na minha jornada de evolução como pessoa e como acadêmico, sempre se alegraram por todas as minhas conquistas e me acolheram como filho. Como último nome dessa lista, agradeço ao meu marido, Herman C. van der Vlies, que, como obra dos deuses, cruzou o seu caminho com o meu de forma inusitada e quase impossível (história longa também), mas que é a pessoa que, junto da minha mãe, é a primeira a acreditar em mim e me dá suporte para que eu siga minha carreira, e que, desde o início, acreditou que eu trilharia uma carreira acadêmica. Que me incentivou, que me apresentou ao mundo, que me instigou aos estudos e à mudança social através de estudos (assim como meus tios e minha mãe, em âmbito familiar), que me moldou como pensador, muitas vezes, com um bom vinho. Vou encerrar minha lista de nomes por aqui, não por não ter mais pessoas importantes, mas por necessidade de chegar ao fim.

Novamente, digo: sou alguém melhor hoje por carregar comigo uma parte de cada um que passou pela minha jornada nessa vida. Meus mais sinceros agradecimentos a todos.

RESUMO

Durante o período de campanha eleitoral para presidente em 2022, assim como já vinha ocorrendo em anos anteriores, observou-se um uso intenso dos grupos de WhatsApp para campanha eleitoral e discussão política, com a disseminação e compartilhamento em massa de mensagens sobre os candidatos. Sabia-se publicamente que essa campanha eleitoral estava concentrada entre dois candidatos (Lula e Bolsonaro), e muito se falava em disputa “polarizada”. Entretanto, preferimos usar o termo “disputa extremista”, pois entendemos que “polarização” implica dois lados extremos em disputa, mas com igual valor e poder. No caso do fenômeno observado, tínhamos uma disputa acirrada e com poder assimétrico, cujas principais fundamentações para esse entendimento foram a maioria de mensagens negativas para o candidato Lula em detrimento de Bolsonaro e um número considerável de mensagens desinformativas, popularmente chamadas de “Fake News”. Tendo em vista esse fenômeno e os achados de um problema de relação de poder assimétrica, cujo lado desfavorecido foi o do candidato Lula, o objetivo principal desta pesquisa é analisar a construção da imagem discursiva do candidato Lula nos grupos de WhatsApp no período do segundo turno das eleições presidenciais de 2022. Este trabalho está amparado nas teorias de Chouliaraki e Fairclough (1999) com seu modelo metodológico de cinco dimensões e tem objetivos secundários de analisar os significados acional, representacional e identificacional. Como teóricos secundários, temos Thompson (2011) com seus modos de operação de ideologia para nos dar suporte na análise do significado representacional e Castells (2021) com sua teoria sobre identidades, nos dando suporte para análise do significado identificacional. Nossa pesquisa tinha o objetivo, somente, de analisar a imagem discursiva do candidato Lula pelos motivos já citados; porém, com a observância, na pré-análise, de frequentes notícias de caráter desinformativo e outras que aparentavam ser do mesmo gênero, decidimos acrescentar a etapa de checagem de notícias em nossa metodologia de análise. Então, nossa análise passa pela fase de pré-análise, checagem de notícias e, por último, a análise dos significados acional, representacional e identificacional para chegarmos às nossas reflexões finais. Como resultado de nossa pesquisa, conseguimos atingir todos os objetivos e responder a todas as nossas questões. Para além disso, confirmamos todas as nossas suposições com o acréscimo de mais achados importantes que ocorreram no processo de análise, como o uso de desinformação por parte dos autores das mensagens. Esse resultado nos mostrou uma imagem construída de forma extremamente expurgada, ativando sentimentos bastante negativos no público, tudo isso associado ao caráter desinformativo dessa construção discursiva da imagem do candidato Lula.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. Eleições 2022. Lula; Whatsapp.

ABSTRACT

During the presidential election campaign period in 2022, as had already occurred in some previous years, there was intense use of WhatsApp groups for electoral campaigns or even political discussions, with the mass dissemination and sharing of messages involving candidates. It was already public knowledge that this electoral campaign was concentrated between two candidates (Lula and Bolsonaro) when there was much talk of a “polarized” dispute. However, we prefer to treat it as an extremist dispute, as we understand that “polarization” has two extreme sides in the dispute, but with equal value and power. In the case of our observed phenomenon, we had a fierce dispute with asymmetrical power, whose main reasons for this understanding were the findings of a majority of negative messages for the candidate Lula to the detriment of Bolsonaro and a considerable number of disinformative messages, popularly called “Fake News”. Bearing in mind this phenomenon and the findings of an asymmetric power relationship problem, whose disadvantaged side was that of candidate Lula, the main objective of this research is to analyze the construction of the discursive identity of candidate Lula in WhatsApp groups during the second round. Of the 2022 presidential elections. This work is supported by the theories of Chouliaraki and Fairclough (1999) with their five-dimensional methodological model and secondary objectives of analyzing actional, representational, and identificational meanings. As secondary theorists, we have Thompson (2011) with his modes of operation of ideology to support us in analyzing representational meaning and Castells (2021) with his theory on identities, supporting us in analyzing identificational meaning. Our research had the objective, solely, of analyzing the discursive identity of candidate Lula for the reasons already mentioned, however, with the observance, in the pre-analysis, of frequent news items of a disinformative nature and others that appeared to be of the same genre, we decided to add the news checking stage in our analysis methodology. So, our analysis goes through the pre-analysis phase, news checking, and finally the analysis of actional, representational, and identificational meanings to arrive at our final reflections. As a result of our research, we were able to achieve all of our objectives and answer all of our questions. Furthermore, we confirmed all our assumptions with the addition of more important findings that occurred in the analysis process, such as the use of disinformation by the authors of the messages. This result showed us an image constructed in an extremely purged manner, activating very negative feelings in the public. All of this is associated with the uninformative nature of this discursive construction of candidate Lula's image.

Keywords: Critical discourse analysis. Elections 2022. Lula; Whatsapp.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - exemplo de personalidades expurgadas em grupos de Whatsapp.....	11/12
Imagem 2 - Sequência de 5 mensagens expurgando ministros do poder judiciário brasileiro....	56/57
Imagem 3 - Sequência de 6 mensagens com conteúdo principal expurgativo contra o TSE.....	59/60
Imagem 4 - sequência de imagens que associam líderes políticos nacionais e da América Latina em apoio ao Lula.....	66
Imagem 5 - sequência de imagens associando figuras políticas e lideranças nacionais à práticas ou ideologias expurgadas e fazendo associação em apologia ao Lula.....	67/68/69
Imagem 6 - Sequência de fotos compartilhadas em grupos de Whatsapp associada a texto que acusava o candidato a presidente Lula de associação com suposta facção chamada de CPX, nome da organização que representa favelas do Rio de Janeiro similar a CUFA.....	71/72/73/74
Imagem 7 - sequência de imagens compartilhadas no WhatsApp mas colhidas do ambiente virtual Facebook em que o tema principal é o roubo do carro de um perfil intitulado de Luciana Tavares.....	76/77/78
Imagem 8 - sequência de três mensagens distintas em que uma é de cunho positivo em relação a Lula e duas de cunho negativo.....	80/81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1–Número de filiados.....	15
Quadro 2: As cinco dimensões propostas por Chouliaraki e Fairclough (1999).....	34
Quadro 3: Modos de Operação da Ideologia.....	36
Quadro 4: Síntese dos resultados.....	85
Quadro 5 : Quadro norteador de pesquisa (QNP).....	87/88

SUMÁRIO

1. A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA: MÍDIA E POLÍTICA NA MODERNIDADE TARDIA	11
2. A ADC COMO TEORIA	29
2.1 O quadro teórico-metodológico em cinco dimensões.....	31
2.2 Práticas sociais: uma reflexão sobre ideologia.....	36
2.3 Significados: acional, representacional e identificacional.....	37
3. A ADC COMO MÉTODO.....	50
3.1 Constituição do corpus.....	53
3.2 Análise das práticas sociais e discursivas.....	56
3.3 As categorias de análise.....	63
4. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE LULA EM MENSAGENS DE WHATSAPP: ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS ACIONAL, REPRESENTACIONAL E IDENTIFICACIONAL.....	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	91

1 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA: MÍDIA E POLÍTICA NA MODERNIDADE TARDIA

Em um contexto histórico marcado pelo avanço do conservadorismo na América Latina, observa-se que governos com pautas progressistas passaram a ser alvo de críticas que não se concentram prioritariamente em suas propostas de políticas econômicas. Em vez disso, os ataques têm como foco principal temas ligados à educação, saúde, cultura e direitos humanos — áreas nas quais se destacam as reivindicações das minorias sociais. Esse cenário é frequentemente acompanhado por um processo de desmonte da estrutura estatal, no qual atores conservadores, especialmente os alinhados à extrema direita, adotam como estratégia discursiva a descreditação de líderes políticos e figuras públicas associadas ao progressismo.

No âmbito deste estudo, optamos por analisar o conteúdo disseminado na rede social WhatsApp, utilizando a ferramenta denominada "Monitor de WhatsApp" (que descreveremos mais detalhadamente na seção de Metodologia). Essa tecnologia nos permite acessar e examinar mensagens compartilhadas em grupos da plataforma, selecionadas com base em períodos específicos de interesse deste estudo. A análise dessa dinâmica comunicacional é essencial para compreender as táticas utilizadas no embate político-ideológico contemporâneo. Vejamos, como ilustração dessas observações, a imagem a seguir:

Imagem 1 - exemplo de personalidades expurgadas em grupos de Whatsapp.





Fonte: elaboração do autor

No recorte apresentado, identifica-se um padrão de disseminação de mensagens que combinam imagens com textos, associando figuras políticas conhecidas da América Latina ao então candidato e ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O objetivo dessas mensagens parece ser a utilização de imagens e discursos que desqualificam as personalidades retratadas, criando controvérsias que extrapolam a disputa direta entre os candidatos Jair Bolsonaro e Lula. Dessa forma, essas associações transferem a carga negativa atribuída a essas figuras para a imagem do candidato Lula, contribuindo para desgastar sua reputação.

Para compreender mais profundamente o fenômeno investigado, torna-se necessário examinar a história da relação entre notícias e política. Esse estudo histórico permite identificar padrões e estratégias comunicacionais que influenciam a percepção pública e moldam o debate político em diferentes contextos.

Desde os primórdios da história civilizatória, observa-se a relação entre a comunicação social — entendida como os meios jornalísticos de comunicação —, a política e a ideologia. Fairclough (1992, p. 94) destaca que essa prática social, de natureza discursiva, ocorre em um contexto em que os "textos são [eram] produzidos, distribuídos e consumidos como mercadoria". A comunicação social, em seu formato mais primitivo, pode ser vista como precursora das mídias e dos meios de comunicação de massa que conhecemos na modernidade tardia.

Com o advento das novas tecnologias, esse modelo de produção e disseminação de informações passou por transformações significativas. Hoje, não são apenas os grandes conglomerados que determinam os temas e os formatos de circulação das informações na sociedade; qualquer indivíduo pode ser produtor de conteúdo. Diante dessa mudança, o

conceito de "mídia" torna-se abrangente, incluindo não apenas os veículos tradicionais, mas também as novas plataformas digitais que servem como objeto de estudo desta pesquisa.

Contudo, é importante ressaltar que práticas relacionadas à manipulação da opinião pública por meio de discursos informativos não são exclusivas do contexto contemporâneo. Já na antiguidade e na Europa clássica, a comunicação tinha o papel de informar, persuadir, manipular ou instigar práticas sociais específicas. Um exemplo disso é a obra *Anedokta*, escrita no século VI, utilizada para difamar o imperador Justiniano, como apontado por Darnton (2017). Da mesma forma, as *Pasquinadas* em Roma foram empregadas para influenciar eleições papais, enquanto os *Canards* franceses ajudaram a consolidar uma imagem negativa de Maria Antonieta.

A história evidencia que o ataque a figuras públicas, por meio da comunicação, é uma prática recorrente, sendo sustentada por informações que variam de verídicas a totalmente falsas. No caso de Maria Antonieta, as gazetas francesas criaram um ódio intenso à sua figura, propagando acusações que hoje se mostram infundadas. Alegava-se, por exemplo, que seus gastos com moda teriam levado a França à ruína financeira, ou que ela era promíscua. Contudo, estudos como os de Gearini (2020) indicam que a crise econômica francesa já existia antes de seu casamento com Luís XVI, agravada pelas despesas do rei no apoio à Revolução Americana. Além disso, a acusação de promiscuidade contrasta com o fato de que Maria Antonieta permaneceu virgem durante os primeiros sete anos de seu matrimônio e foi vítima de traições por parte de Luís XVI com Madame du Barry.

Esse breve panorama histórico demonstra como a manipulação de informações para deslegitimar figuras públicas é uma prática que atravessa os séculos, adaptando-se aos meios e às tecnologias disponíveis em cada época.

No contexto brasileiro, um exemplo notável de enfrentamento entre figuras públicas e a imprensa foi a postura do imperador Dom Pedro II em relação aos ataques constantes à sua imagem. Apesar das críticas severas e recorrentes veiculadas pela imprensa da época, Dom Pedro II nunca tomou medidas para cassar ou limitar a liberdade de imprensa no país. Ele defendia o princípio de que a "imprensa se combate com a imprensa", reafirmando seu compromisso com a liberdade de expressão como um valor central da sociedade brasileira.

Esse nível de tolerância causava surpresa em observadores internacionais, que consideravam a liberdade da imprensa no Brasil notavelmente ampla. De acordo com o historiador José Murilo de Carvalho, o ministro austríaco Schreiner expressou perplexidade ao analisar determinados artigos publicados no Brasil. Schreiner observou que, na Europa — e até mesmo na Inglaterra, conhecida por sua longa tradição de tolerância em relação à

liberdade de imprensa e expressão —, tais escritos poderiam levar seus autores a serem processados por alta traição (Terci, 2020). Tudo isso reflete a singularidade do cenário brasileiro no período imperial, em que a liberdade de imprensa era não apenas preservada, mas também defendida como um pilar do debate público, mesmo diante de críticas intensas ao governo e às instituições.

Em um período histórico mais recente, é possível observar a influência da mídia de massa — como televisão, rádio e imprensa — em movimentos que buscavam interferir na estabilidade política do Brasil. Um exemplo marcante foi o papel desempenhado por esses meios em tentativas golpistas destinadas a frustrar tanto a eleição quanto a posse do presidente Juscelino Kubitschek. Embora essas tentativas não tenham tido sucesso imediato, o clima de instabilidade culminou, posteriormente, no golpe militar de 1964, que instaurou uma ditadura no país, vigente até 1985.

Nesse contexto de transição, emerge o Partido dos Trabalhadores (PT), fundado em 1980, cinco anos antes do fim do regime militar. O PT desempenhou um papel ativo no processo de redemocratização, consolidando-se como uma força política significativa, especialmente por sua relação estreita com os movimentos sociais. A partir de diálogos com diversos atores sociais, o partido passou a identificar e denunciar os múltiplos problemas enfrentados pela sociedade brasileira. Essa abordagem permitiu ao PT ampliar sua compreensão sobre as diversas dimensões das opressões vivenciadas, bem como sobre as resistências articuladas em diferentes setores.

O partido reconhecia que a palavra "luta" precisava ser entendida no plural, pois englobava as mais variadas experiências de enfrentamento e resistência. Essas lutas abrangiam questões relacionadas à cultura, saúde, educação, moradia, combate à fome e outras áreas essenciais, refletindo a multiplicidade de demandas e desafios da sociedade brasileira naquele período de transformações. Essa ampla atuação foi crucial para o fortalecimento do PT como um representante legítimo das demandas populares e das aspirações por justiça social e igualdade.

O Partido dos Trabalhadores (PT), "o corpo estranho", surgiu como uma entidade política com características que o diferenciavam de partidos tradicionais ou de caráter meramente burocrático. Durante os anos 1980, sua estrutura e dinâmica afastavam-no da ideia de um "partido de gabinete" ou de uma "legenda fria". Nesse período, os conceitos de filiado e militante eram praticamente indissociáveis, refletindo a ideia de que cada pessoa vinculada ao partido estava ativamente engajada na construção de sua história e na consolidação de suas

diretrizes. Apesar das diferenças naturais de funções, níveis de engajamento e aspirações individuais, a militância era vista como elemento central da identidade partidária.

Nos anos 1990, o partido experimentou um crescimento expressivo no número de filiados, atingindo, em 2002, a marca de 828.000 membros. Esse aumento vertiginoso trouxe desafios significativos para a organização interna, levantando preocupações sobre os impactos de um crescimento tão rápido em sua coesão e identidade. Embora não seja o foco aprofundar aqui os problemas potenciais decorrentes dessa expansão, é relevante mencionar a necessidade de estratégias internas para garantir a consistência de seus valores e a autenticidade do engajamento dos novos filiados.

Com o aumento da adesão, o partido também enfrentou a aproximação de pessoas que, por falta de clareza sobre sua essência, poderiam interpretá-lo de maneira equivocada, confundindo-o com partidos de fachada ou entidades cujo comprometimento político não ia além da formalidade. Esse contexto evidenciou a importância de reforçar mecanismos que preservassem a identidade do partido e assegurassem a continuidade de seu projeto político em meio às transformações institucionais e sociais.

Para contextualizar, é possível observar mudanças significativas no tamanho e na estrutura dos partidos políticos entre os anos de 2002, período marcado pela eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para seu primeiro mandato como presidente da República, e 2015, início do segundo mandato da presidente Dilma Rousseff. Essas alterações refletem não apenas a evolução dos partidos enquanto instituições políticas, mas também as transformações nas dinâmicas de engajamento, filiação e representatividade ao longo desses anos. O número de filiados, apresentado no quadro a seguir, autoriza tal interpretação:

Quadro 1 – Número de filiados/as

	2002	2016	2022	2024
PMDB / MDB	2.217.027	2.397.111	2.077.587	2.083.619
PT	828.781	1.587.107	1.606.001	1.653.361
PRD	-	-	-	1.331.581
PP	-	1.436.427	1.293.384	1.331.353
PSDB	1.049.902	1.442.371	1.327.014	1.305.253
	não há registro	16.527.342	15.854.670	16.397.355

Até 2015, o PSDB, tradicional representante de setores da direita oligárquica brasileira, não demonstrava plena percepção do impacto do crescimento de partidos de extrema-direita, como o União — que alcançou 1.102.980 filiados em 2024 —, o PP, com 1.331.353 filiados, e o PRD, que somou 1.331.581 filiados, resultado da fusão entre o PDT e o Patriota. O PSDB, que em 2002 era o segundo maior partido do Brasil, passou a ocupar a terceira posição em 2016, perdendo ainda mais espaço nos anos subsequentes, até chegar ao quinto lugar, em razão da migração de filiados para esses novos partidos.

Na primeira década do século XXI, o PT registrou crescimento significativo, tornando-se um partido com presença expressiva em quase todos os estados e municípios do país até 2015. Esse período foi marcado por uma votação expressiva no Nordeste, sobretudo em 2018. No entanto, o crescimento partidário do PT, apesar de notável, ocorreu de forma isolada, sem articulação significativa com outros grupos ou partidos. Esse isolamento deveria ter sido acompanhado por uma expansão não apenas em termos de representação parlamentar, mas também pela formulação de políticas sociais mais engajadas e alinhadas às demandas dos movimentos sociais, em conformidade com os princípios que nortearam sua fundação. Contudo, o golpe que resultou na destituição de Dilma Rousseff interrompeu abruptamente as políticas nacionais progressistas implementadas pelo partido.

Esse cenário de isolamento levou o PT a concentrar seus esforços na administração da máquina burocrática do Estado, na busca pela governabilidade e no cumprimento das regras e prazos impostos pelo sistema político. Paradoxalmente, o partido, enquanto ator inserido nesse sistema, detinha potencial para promover mudanças estruturais, mas não o fez. Diante do avanço do processo golpista, o PT optou por agir dentro dos limites da institucionalidade, respeitando o Estado Democrático de Direito.

Enquanto isso, a direita e a extrema-direita adotaram estratégias distintas. Dividiram-se em diversos pequenos partidos, cada um voltado a atender diferentes demandas da radicalização do discurso hegemônico. Além disso, investiram intensivamente em estratégias de comunicação voltadas para as redes sociais e para a mídia, consolidando seu espaço de influência.

Essa dinâmica de comunicação política já havia se manifestado no passado, com o protagonismo da televisão durante as eleições que levaram Fernando Collor à presidência, em detrimento de Luiz Inácio Lula da Silva. Naquela época, a televisão desempenhou um papel central na construção da narrativa política, um espaço de influência que, com o tempo, passou a ser compartilhado com a internet e, mais recentemente, com as redes sociais. Hoje, essas

plataformas digitais emergem como protagonistas no cenário político brasileiro, moldando discursos e ampliando o alcance de estratégias comunicacionais.

No século XXI, é notório o crescente protagonismo das redes sociais — como Facebook, Instagram e, mais recentemente, WhatsApp, Telegram e TikTok — nas campanhas políticas, sobretudo em períodos eleitorais. Esse fenômeno, relacionado à força das mídias sociais na chamada internet 2.0¹, já era perceptível no contexto nacional durante o governo de Dilma Rousseff. Naquele período, a então presidenta enfrentou ataques frequentes tanto a seu governo quanto à sua imagem, com recortes que enfatizavam questões de gênero, dadas as características misóginas de muitas das críticas. Entretanto, a influência política das redes sociais atingiu uma nova dimensão nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, que elegeram Donald Trump. Nesse caso, segundo Mars (2018), em reportagem publicada pelo *El País*, as redes foram utilizadas para disseminação massiva de informações, incluindo uma parcela significativa de desinformação.

O impacto dessa tendência foi também evidente nas eleições presidenciais brasileiras de 2018, que resultaram na eleição de Jair Messias Bolsonaro. Conforme apontado por Benites (2018) e Barragán (2018), ambos do *El País*, o uso de redes sociais desempenhou papel central na propagação de desinformação que, de acordo com as análises, influenciou favoravelmente o resultado eleitoral em prol de Bolsonaro. Esse cenário evidencia como as redes sociais passaram a ocupar um espaço estratégico nos processos eleitorais, não apenas como ferramentas de comunicação, mas como instrumentos de construção e manipulação discursiva.

Diante desse contexto, nossa pesquisa propõe uma abordagem crítica sobre os discursos políticos veiculados nas mídias sociais. Diferentemente de estudos predominantemente quantitativos, nossa investigação adota uma perspectiva qualitativa. Fundamentada nos pressupostos da análise crítica do discurso (Chouliaraki e Fairclough, 1999) e na metodologia etnográfica (Magalhães *et al.*, 2017 *apud* Batista Jr., 2018), busca-se compreender como as relações assimétricas de poder são produzidas, reproduzidas e naturalizadas no cotidiano por meio da linguagem. Essa perspectiva interpretativista nos permite explorar as dinâmicas discursivas que sustentam e ameaçam o discurso democrático e

¹ “Web 2.0 é um termo popularizado a partir de 2004 pela empresa americana O'Reilly Media para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a ‘Web enquanto plataforma’, envolvendo wikis, aplicativos baseados em *folksonomia*, redes sociais, blogs e Tecnologia da Informação. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações”. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0 (Acesso em 20 nov. 2024)

as instituições do Estado Democrático de Direito, conferindo relevância e urgência à pesquisa proposta.

Uma breve revisão de estudos recentes que investigam a relação entre mídias sociais e política fundamenta nossas observações. Trabalhos realizados acerca de contextos eleitorais anteriores ao recorte temporal de nossa pesquisa oferecem importantes contribuições para a compreensão do fenômeno em questão. Com base nos resultados já disponíveis, seremos capazes de contextualizar melhor nosso objeto de estudo e destacar a relevância e a originalidade de nossa abordagem investigativa no debate contemporâneo sobre mídias e política.

Nesse sentido, julgamos pertinente mencionar a pesquisa que deu origem à dissertação de mestrado intitulada *O regime de verdade das redes sociais on-line: pós-verdade e desinformação nas eleições presidenciais de 2018*, de autoria de Silva (2019). O estudo teve como objetivo descrever e analisar o fenômeno das notícias falsas disseminadas durante a campanha eleitoral de 2018. Embora a desinformação em si não constitua o objeto central de nossa investigação, esse trabalho apresenta relevância significativa para nossa pesquisa ao iluminar as complexas relações que permeiam o uso das mídias sociais para campanhas eleitorais no contexto da internet 2.0.

A análise empreendida por Silva (2019) adota uma abordagem quantitativa, detalhando diversas variáveis relacionadas à produção, circulação e consumo de informações, tanto verdadeiras quanto falsas, no ambiente digital. Essa metodologia permite identificar como fatores extralinguísticos, como o alcance, a frequência e o contexto de disseminação das mensagens, afetam a forma como os indivíduos se relacionam com o fenômeno da desinformação. Além disso, destaca-se a importância de compreender como discursos veiculados no espaço virtual podem exercer influência direta sobre as dinâmicas eleitorais, moldando percepções e comportamentos políticos. Esse estudo, portanto, contribui para nossa pesquisa ao oferecer subsídios sobre os impactos das práticas comunicacionais nas redes sociais, particularmente no que diz respeito à construção de narrativas políticas e à articulação de discursos estratégicos durante campanhas eleitorais. Tais insights ampliam nossa compreensão sobre o papel das mídias digitais no cenário político contemporâneo e enriquecem o embasamento teórico necessário para análise crítica das práticas discursivas nesse contexto.

Após fazer todo um apanhado teórico à luz dos estudos sobre verdade (Foucault, 2017), a pesquisadora passa para as contribuições de Fairclough. Essas duas teorias baseiam,

respectivamente, as duas fases de sua pesquisa e análise.

Primeiramente, já na análise, a pesquisadora analisa o comportamento dos intérpretes por meio de uma mensagem enganosa publicada no Facebook e reafirma a importância do uso do conceito de verdade Foucaultiano, adotado pelo jornalismo e os protocolos para que esse conceito seja implementado de forma mais segura pelos meios de comunicação oficiais. Para conseguir essa parte da análise em prática, ela escolheu quatro notícias, com base nos critérios de maior engajamento. Dessas quatro notícias, duas eram checadas como falsas e duas como verdadeiras. A autora do estudo analisou as notícias e a sua construção com base na teoria foucaultiana sobre verdade e os protocolos jornalísticos. Dessa forma, ela foi identificando elementos que denotavam e comprovaram a veracidade das notícias verdadeiras e a inveracidade das notícias falsas. Essas informações serviram para, na segunda fase, compreender como os usuários que responderam à pesquisa Survey se relacionam diante dessas notícias e como se deu suas percepções acerca desses elementos já analisados pela pesquisadora.

Em um segundo momento, a pesquisadora ressalta a importância dos novos nichos de fact-checking e apresenta os resultados da pesquisa Survey aplicada aos usuários do Facebook. Essa pesquisa Survey foi elaborada em formato de google docs em um questionário estilo múltipla escolha. Nessa pesquisa nota-se que a autora do estudo se preocupou em fazer os participantes responderem questões sobre seu perfil social, sua percepção acerca de si próprio em relação ao fenômeno desinformação (fake news) e por último cruzou informações dadas pelos próprios participantes, identificando não só as possíveis influências de fatores extralinguísticos, como classe social, grau de instrução, etc, mas identificou, também, de uma forma qualitativa e de uma perspicácia subjetiva muito bem elaborada, as incoerências e as disparidades entre como os usuários se enxergavam no uso de informações na internet e como eles, provavelmente, se comportam na realidade com essas informações.

Por exemplo: apesar de uma grande porcentagem 78,8% disseram saber identificar uma notícia falsa em detrimento da verdadeira, 57,6% já compartilharam notícia falsa sem saber que era falsa e 96,3% já compartilharam de forma consciente. Para completar, a pesquisa ainda nos traz a informação de que os participantes tiveram mais dificuldade de identificar uma notícia verdadeira do que uma falsa. Essa parte subjetiva da pesquisa, nos traz uma informação importantíssima de que existe uma discrepância entre o que os usuários expressam como visão sobre si próprios e suas práticas reais quanto ao uso e disseminação de

notícias na internet. A pesquisa não perguntou detalhes sobre os motivos para essas discordâncias entre resultados, se os participantes o fizeram de forma consciente e caluniosa, se fizeram de forma disforia de auto percepção ou simplesmente não atentaram ou pensaram bem para responder ao questionário. Em todo caso, todas essas informações são de extrema importância para que possamos dar continuidade ao nosso estudo é que enxergamos como o processo de influência e disseminação de informações, sejam elas verdadeiras ou falsas, ocorre nas redes sociais. Novamente, apesar de não termos, como objeto principal do nosso estudo, os fenômenos da desinformação e da pós-verdade, nós não descartamos esse fenômeno em nossa pesquisa como achados em alguma parte da nossa pré-análise dos dados.

Segundo Wardle (2016, *apud* Viana; Tavares, 2021) a desinformação está associada à ideia de divulgação de informações falsas ou duvidosas com o objetivo de, ao dialogar com as crenças e valores do outro, criar uma distorção do fato ou ideia, afetando a emoção ou a crença do público alvo. Apesar dos textos analisados não terem como objetivo a identificação da desinformação, o expurgo do outro criado nas peças analisadas podem estar associados à sensação de distorção da realidade e afetação da emoção e da crença do outro. Desta forma, apesar do trabalho focar na análise da identidade, vislumbramos que um estudo posterior da relação entre *Ethos* e *Pathos* pode ser desenvolvida posteriormente.

Ao analisar os resultados da pesquisa, juntamente com os dados provenientes da pré-análise que realizamos para o nosso estudo, concluímos que a abordagem adotada não pode ser dissociada do fator desinformação. Nesse sentido, a desinformação pode ser entendida como um gênero discursivo relevante para a etapa em que abordaremos o significado acional. A construção discursiva da imagem de Lula se dá por meio da utilização de dois processos discursivos: o discurso verdadeiro e o discurso desinformativo. Esses dois tipos de discurso ativam diversas ideologias, mediadas por marcadores que promovem o reconhecimento de identidades específicas nos diferentes públicos. A interação entre esses discursos contribui para a formação de uma narrativa que se configura de acordo com as identidades sociais e políticas que os sujeitos constroem no contexto da comunicação pública.

O já citado estudo de Viana e Tavares (2021) nos traz um breve histórico do fenômeno das *fake news* (de Putin ao Trump) e em seguida a pesquisa trata da construção da imagem de Fernando Haddad durante a campanha eleitoral de 2018 para presidente do Brasil nos grupos de WhatsApp. Esta pesquisa foi de suma importância por trazer, de forma complementar, mais luz ao nosso estudo. Uma vez que já contamos com as contribuições da pesquisa anterior, teremos agora mais informações acerca de como os grupos de WhatsApp

foram analisados sob a ótica de Charaudeau (2010), e como e qual imagem de um candidato de esquerda foi construída nessas mensagens. Aproximamos, assim, os estudos de mídia e política ao nosso objeto de análise. Após compreendermos a base teórica utilizada pelos autores, passamos aos procedimentos. Os autores iniciaram por escolher a ferramenta “Monitor de WhatsApp”, desenvolvida pelo professor Fabrício Benevenuto de Souza, a mesma que utilizaremos em nossa pesquisa.

Os autores determinaram o período entre 1º de abril e 31 de dezembro de 2018, pois, a partir da data inicial escolhida, as mensagens na ferramenta tiveram um aporte significativo que permitiu uma melhor formação do corpus, e a data final serviu como marco, pois foi o último dia antes da posse do então presidente eleito. Os autores nos chamam atenção para o fato de Fernando Haddad não ter sido o candidato do PT durante todo o período analisado e para como se comportavam as mensagens sobre esse candidato durante o período anterior e durante sua candidatura à presidência. Outra informação importante é que foram escolhidas como categorias principais de análise os alvos intelectual e afetivo e, dentro delas, valeram-se das visadas do saber fazer e do fazer sentir da fundamentação teórica apresentada anteriormente. Para além disso, os autores reforçam que os candidatos em sua pesquisa foram tratados como pessoas construídas a partir das narrativas nas mensagens coletadas e analisadas, e não como pessoas de fato. Foram analisadas, do corpus inteiro, apenas mensagens que melhor representaram as categorias selecionadas para a pesquisa e que partiram de hipóteses que apontam para a transposição de pessoa para pessoa. Esses foram os requisitos para, dentro do corpus, escolher aquelas mensagens que deveriam ser analisadas, uma vez que não havia espaço para analisar todas as mensagens do período.

Para sabermos os resultados da análise, passemos para as considerações finais dos autores: dentre os resultados encontrados na pesquisa, os autores iniciam com o achado de que o candidato Fernando Haddad aparece como antagonista ao candidato Jair Bolsonaro e que essa antagonização se dá através de construções narrativas em que são projetadas em Jair Bolsonaro a identidade de herói e protagonista com a projeção nele das ideias consideradas de direita. Já para Fernando Haddad, são projetados aqueles ideais considerados, pela direita, como pertencentes à ideologia de esquerda.

A seguir, percebeu-se que, para a construção da persona de Jair Bolsonaro, utilizaram-se predominantemente visadas com alvo de efeito afetivo. A visada mais recorrente foi a de *Páthos*, que buscava trazer ao candidato de direita a imagem de patriota e de esperança (até mesmo divina); além disso, a visada incitativa foi bem recorrente, tentando convencer o leitor de que as informações passadas são verdadeiras. Quanto aos efeitos de

atração mais frequentes, foram encontrados o *inaudito*, trazendo a ideia de missão que divinizava o candidato Jair Messias Bolsonaro, e o *trágico*, que passa a ideia de predestinação do mesmo candidato para salvar o país de uma tragédia anunciada, provocada pela esquerda.

Já em relação ao candidato Fernando Haddad, tem-se um achado frequente da visada de *Páthos*, cujo objetivo, nesse caso, é trazer emoções e sentimentos negativos e de repulsa a esse candidato, e a visada incitativa, que tenta convencer o público de que as informações acerca desse candidato são verdadeiras. Em seguida, temos como efeito mais recorrente o repetitivo, cuja repetição de uma determinada narrativa ou informação, sobre esse candidato e todo o grupo de esquerda, passa um efeito de legitimação e veracidade. Depois, tem-se a frequente ocorrência do efeito insólito, cuja intenção é atribuir valores ao candidato, seu partido e seus eleitores que sejam reprováveis em nossa sociedade ou por grande parte do eleitorado. Por último temos a recorrência do efeito não citado por Charaudeau, mas que, segundo entendimento dos autores, tem função antagônica ao *inaudito*, cujo candidato Bolsonaro seria aquele com uma missão divina e o Haddad seria aquele maldito e representante de forças “satânicas” (usando o termo satânico como antagonista de Deus ou como anti-cristo). Esse último efeito, sob a ótica dos autores, nos faz lembrar bastante do modo de operação de *ideologia expurgo do outro* proposto por Thompson (2011) e que utilizaremos em nossa pesquisa.

Os autores desse estudo nos deixaram, como possível temática para maior aprofundamento nesse tema e uma continuidade para as contribuições desse estudo, uma análise da construção do conflito narrativo e da estrutura linguística e composicional das mensagens. Contribuir ainda mais para a compreensão desse fenômeno relativo ao uso da internet 2.0 em campanhas políticas e uma possível transição de costumes em relações de poder e dar continuidade as contribuições desses estudos já realizados é nossa intenção nesta pesquisa.

Como podemos observar nas pesquisas citadas anteriormente, tem-se um foco grande no fenômeno da desinformação e pós-verdade dentro do contexto da relação entre mídia e política. Esse interesse no fenômeno abordado por essas pesquisas, se dá pelo fato de termos observado um uso em massa de informações falsas durante processos eleitorais mais recentes, como já citados anteriormente.

Contudo nosso interesse na relação entre mídia e política, se dá no âmbito da construção da imagem de um candidato a presidência, entendendo que o uso de desinformação e pós verdade poderá ser um achado e uma, possível, variável para o nosso

processo de análise em que as pesquisas anteriores nos dão um bom suporte para darmos sequência à nossa pesquisa.

Nós entendemos que não só o uso de desinformação foi responsável por criar uma imagem de determinado candidato em eleições, mas outras estratégias discursivas estão envolvidas nesse processo. Como já vimos no capítulo anterior, segundo reportagem do jornal *El País* que o uso de desinformação obteve êxito em escolher presidentes como no caso de Trump em 2016 e Bolsonaro em 2018, mas queremos entender como que nas últimas eleições de 2022 um candidato de esquerda veio a ser eleito, tendo em vista a construção de sua imagem dentro do ambiente virtual que, segundo as pesquisas anteriores, influenciaram de grande forma a eleição de candidatos de extrema direita em um momento anterior.

A partir destas reflexões trazidas por outros trabalhos, com o intuito de construir o nosso objeto, identificamos uma polêmica de grande magnitude nas eleições presidenciais de 2022 no Brasil, frequentemente referida como polarização (Amossy, 2017). Optamos por utilizar o termo "polêmica" em vez de "polarização", pois entendemos que a polarização implica uma relação de poder equilibrada entre dois posicionamentos extremos, o que não se verificou neste caso. A oposição entre os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) e Jair Bolsonaro, como veremos, envolveu uma dinâmica assimétrica de poder, em que um dos lados, o do presidente incumbente, gozava de vantagens substanciais derivadas de sua posição.

A assimetria de poder entre os dois candidatos era evidente, especialmente considerando o fato de Bolsonaro ser o presidente em exercício. Esse contexto institucional conferiu-lhe a possibilidade de usar uma série de ferramentas de poder disponíveis no cargo, que foram amplamente utilizadas para obter vantagens políticas. Um exemplo claro disso foi o auxílio emergencial, que, embora criticado inicialmente por Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19 — momento em que ele foi acusado de minimizar a importância do auxílio estadual —, foi repentinamente aumentado para 600 reais no final de seu mandato, em um movimento claramente estratégico para sua campanha à reeleição. A decisão de aumentar o auxílio emergencial foi amplamente comentada em reportagens, como a da BBC Brasil, que destacou a relevância dessa medida para o fortalecimento da imagem de Bolsonaro diante do eleitorado. De acordo com a análise da BBC Brasil de 4 de julho de 2022, o aumento foi visto como uma ação fundamental na tentativa de recuperar os índices de intenção de voto que apontavam uma vitória de Lula no primeiro turno.

Embora alguns analistas, como o cientista político Felipe Nunes, diretor da Quaest,

tenham sugerido que essa estratégia não seria suficiente para garantir a reeleição de Bolsonaro, a intenção subjacente era clara: melhorar a percepção pública de Bolsonaro, visando consolidar sua base eleitoral. Inicialmente, nossa intenção era realizar uma análise comparativa da construção da imagem de ambos os candidatos, com o intuito de compreender melhor o fenômeno da polarização. No entanto, ao longo de nossa pesquisa, ficou claro que a questão não era meramente uma polarização, mas sim uma relação de poder assimétrica entre os candidatos, especialmente em relação ao contexto eleitoral e institucional. Essa constatação nos levou a reformular nossa análise, pois a compreensão da polarização não era suficiente para explicar as dinâmicas de poder em jogo. Era necessário, portanto, confirmar, por meio de dados e métodos de pesquisa, a presença de uma assimetria de poder.

Com uma hipótese já delineada e uma percepção inicial de que havia uma relação assimétrica de poder em jogo, decidimos focar na construção da imagem² do candidato Lula, particularmente em como ele foi representado nos grupos de WhatsApp durante o período eleitoral. Para isso, nossa principal questão de pesquisa concentrou-se em entender como a imagem de Lula foi construída negativamente nas mensagens enviadas e compartilhadas nesses grupos. A análise de conteúdo dessas mensagens visava, portanto, confirmar ou refutar a hipótese de que existia, de fato, uma construção de imagem negativa do candidato Lula no ambiente das redes sociais.

Para validar nossa primeira hipótese, realizamos uma pré-análise do corpus de 100 mensagens extraídas da ferramenta "Monitor de WhatsApp", cujos detalhes da análise serão apresentados posteriormente. Essa fase preliminar foi crucial para determinar a natureza da relação de poder nos grupos de WhatsApp, especialmente em relação à construção da imagem de ambos os candidatos, dentro do contexto da campanha eleitoral. A análise revelou que, de fato, havia uma relação de poder profundamente assimétrica entre os dois candidatos nas mensagens analisadas. As mensagens tinham uma tendência clara a favorecer Bolsonaro, enquanto a imagem de Lula era predominantemente construída de maneira negativa.

Com esses dados iniciais, já tínhamos informações suficientes para avançar com uma análise mais aprofundada sobre como se deu a construção da imagem de Lula. Uma vez estabelecido que a relação de poder era desigual e que Lula estava em uma posição de desvantagem, nossa tarefa passou a ser explorar como essa identidade negativa foi formada e

² Entendemos imagem no seu sentido mais amplo e como resultado de toda construção discursiva que passa pela análise dos três significados (acional, representacional e identificacional) segundo Chouliaraki e Fairclough (2001) chegando ao efeito de sentido recebido pelo público consumidor das mensagens analisadas.

representada nas mensagens de WhatsApp. Nesse processo, buscamos compreender as maneiras pelas quais as práticas discursivas, dentro desse ambiente, contribuíram para consolidar essa imagem de Lula.

A construção dessa imagem negativa foi analisada à luz do modelo metodológico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), que inclui cinco dimensões de análise discursiva. O primeiro elemento central dessa abordagem é o significado acional, que nos levou a investigar a ação do discurso, ou seja, como as mensagens e os discursos nas mensagens influenciam a ação dos participantes, especificamente no que se refere à construção de imagem e à atribuição de comportamentos aos candidatos. Essa análise envolveu a análise textual das mensagens e dos gêneros discursivos, conforme proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), além de uma análise sintática detalhada para entender como as construções linguísticas estavam relacionadas aos efeitos de poder (significado representacional) e à constituição de identidades (significado identificacional).

Em segundo lugar, investigamos o significado representacional, que diz respeito à forma como o discurso constrói representações ideológicas, particularmente no que se refere à construção de significados sobre Lula e Bolsonaro. Para isso, nos valem das contribuições de Thompson (2011), que nos ajudaram a compreender como as ideologias subjacentes nas mensagens influenciam a forma como os indivíduos e grupos sociais são representados, especialmente no contexto de uma eleição polarizada.

Finalmente, o significado identificacional foi examinado a partir das contribuições de Castells (2018), que nos forneceu uma compreensão mais profunda sobre como as identidades de Lula foram construídas dentro do discurso. O significado identificacional, nesse caso, permitiu que analisássemos como as identidades³ de Lula foram moldadas nas mensagens, considerando o papel das práticas discursivas no processo de construção de identidades, bem como as possíveis influências dessas construções no comportamento e na percepção pública.

Dessa forma, a combinação desses três significados — acional, representacional e identificacional — nos proporcionou os subsídios necessários para analisar como a imagem de Lula foi construída de maneira negativa nas mensagens dos grupos de WhatsApp durante a campanha eleitoral de 2022. Nossa análise buscou, portanto, compreender não apenas o que

³ Entendemos identidades em seu sentido mais específico e parte da construção discursiva para se alcançar a imagem. Nesse sentido, identidade é utilizada nessa pesquisa segundo Castells (2018): “No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significação.”

estava sendo dito, mas como e por que isso contribuía para a formação de uma narrativa negativa sobre o candidato, dentro de um contexto de poder assimétrico.

O objetivo central de nossa pesquisa é compreender como e qual imagem discursiva foi construída sobre o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, considerando que, apesar de ter sido eleito, a análise preliminar e a formação do corpus indicaram uma tendência predominante na construção de uma imagem negativa sobre ele. A partir dos primeiros resultados da análise, foi possível observar que, no corpus investigado, as mensagens sobre o candidato Lula apresentavam uma predominância de conotação negativa, ao passo que o candidato Jair Bolsonaro recebia mensagens com uma conotação mais positiva. Esses achados iniciais, juntamente com a presença de desinformação nas mensagens, nos permitem interpretar que a disseminação de desinformação foi mais proeminente no contexto do campo opositor ao candidato Lula. Essa conclusão é sustentada pelo fato de que a pré-análise revelou que, enquanto as mensagens negativas sobre Lula eram abundantemente distribuídas, não se observou uma quantidade equivalente de mensagens desinformativas positivas direcionadas ao candidato Bolsonaro. No capítulo "Constituição do Corpus", abordaremos com mais profundidade a evidência de que a maioria das mensagens direcionadas a Bolsonaro possuía um caráter positivo, enquanto as direcionadas a Lula, em sua maioria, apresentavam uma conotação negativa.

A nossa questão central, portanto, gira em torno de como se deu a construção discursiva da imagem do candidato Lula nos grupos de WhatsApp durante o período do segundo turno das eleições presidenciais de 2022.

Com base nesse questionamento, formulamos uma hipótese central que sugere a existência de uma construção discursiva expurgada, ou seja, uma construção de imagem carregada de discursos de ódio contra o candidato Lula. A partir dessa hipótese, o objetivo principal da pesquisa é analisar, detalhadamente, como essa imagem foi construída nos grupos de WhatsApp, focando nas práticas discursivas que contribuíram para essa construção.

A partir de nossa questão central, dividimos o processo de análise em questões específicas, cada uma com um foco particular no estudo do discurso e na construção da imagem do candidato Lula. A primeira questão específica é: como se construiu o significado acional do candidato Lula nos grupos de WhatsApp durante o período do segundo turno das eleições de 2022? Essa questão está diretamente associada à hipótese de que houve uma utilização predominante de voz passiva para o candidato Lula nas mensagens, o que sugere uma construção de sua imagem como sujeito passivo ou sem ação. O primeiro objetivo específico, portanto, é classificar os gêneros discursivos presentes nas mensagens sobre Lula e

realizar uma análise sintática do sujeito "Lula" dentro dessas mensagens, de forma a identificar as funções e os papéis que lhe foram atribuídos nas construções discursivas.

A segunda questão específica diz respeito ao significado representacional do candidato Lula, ou seja, de que maneira sua imagem foi representada nos grupos de WhatsApp. A hipótese secundária que orienta essa questão é a de que houve um uso predominante de mecanismos de expurgo do outro (no caso, do próprio Lula) e dissimulação, como estratégias discursivas para minar sua imagem. O objetivo específico para essa questão é identificar os modos de operação ideológica utilizados nas mensagens analisadas. Para isso, tomaremos como referencial teórico as contribuições de Thompson (2011), que trata da maneira como a ideologia opera nas mensagens e nos discursos, influenciando a construção de representações e identidades.

A terceira e última questão específica enfoca a construção do significado identificacional do candidato Lula nas mensagens de WhatsApp. Nesse caso, a hipótese que guia nossa investigação é a de que houve a construção de uma identidade expurgada para o candidato Lula nas mensagens, ou seja, uma identidade que foi negativamente moldada por meio de discursos de exclusão e marginalização.

O objetivo específico relacionado a essa questão e hipótese é analisar as identidades atribuídas ao candidato Lula nas mensagens de WhatsApp, utilizando como base as contribuições teóricas de Castells (2021), que aborda a construção e a negociação de identidades no espaço digital. A partir dessa análise, buscaremos entender como a identidade de Lula foi modelada e de que maneira as práticas discursivas contribuíram para essa construção.

Essas três questões específicas, em conjunto, orientam o desenvolvimento de nossa pesquisa, permitindo-nos entender como os significados acional, representacional e identificacional foram configurados nas mensagens analisadas e como essas construções discursivas contribuíram para a formação de uma imagem negativa do candidato Lula nos grupos de WhatsApp durante o período eleitoral. Esse processo de análise detalhada visa não apenas compreender as estratégias discursivas utilizadas, mas também fornecer insights sobre as dinâmicas de poder e as implicações dessas práticas discursivas no contexto das eleições presidenciais de 2022.

Na sequência desta Introdução, teremos o capítulo que trata de nossa base teórica, cujo representante principal será Chouliaraki e Fairclough (1999), além do teórico que nos dará um suporte secundário para entendermos melhor os aspectos ideológicos envolvidos em nossa análise da prática discursiva: Thompson (2011).

Logo em seguida, temos o capítulo que trata de explicar nossos processos metodológicos, atentando para nossas escolhas de formação do corpus, fonte para formação do corpus e todo o processo de recorte do corpus, passando pela análise em si e chegando aos resultados encontrados. Dando seguimento ao capítulo de metodologia, teremos o capítulo que trata da análise, cujas informações contidas trarão mais detalhes sobre todo o processo de pesquisa e análise até o resultado final e seus achados, incluindo a nossa reflexão e considerações finais.

2 A ADC COMO TEORIA

Este estudo opta por adotar as contribuições de Norman Fairclough e seu enquadramento metodológico de cinco dimensões (Chouliaraki; Fairclough, 1999), com o objetivo de entender de que maneira o processo de construção ideológica da identidade do candidato Lula se desenvolveu, além de examinar as interações entre discurso, ideologia e prática social. Para alcançar esses objetivos, o referencial teórico adotado será baseado principalmente nas obras de Chouliaraki e Fairclough (1999) e também nos quadros conceituais propostos por Thompson (2011), que abordam os modos de operação da ideologia e seu impacto no discurso e nas práticas sociais.

A Análise Crítica do Discurso (ADC), termo cunhado por Fairclough em 1985 e inicialmente publicado no *Journal of Pragmatics*, caracteriza-se por um enfoque voltado para a compreensão das relações assimétricas de poder, dominação e transdisciplinaridade dentro da análise discursiva. A ADC busca investigar a linguagem em uso, com especial atenção à maneira como o discurso, em um determinado contexto social, contribui para a manutenção ou mudança das práticas sociais. Seu interesse concentra-se particularmente nas práticas sociais relacionadas a relações de poder, dominação e formas de desigualdade.

A ADC, então, não se limita a uma análise estrutural das palavras ou dos usos de termos carregados de ideologia que possam contribuir para práticas discriminatórias, preconceituosas ou de dominação. Ao contrário, seu foco se estende para a compreensão de como as práticas sociais, imersas em contextos específicos, são organizadas e transformadas pelo discurso. Assim, a análise do discurso de acordo com Fairclough está preocupada em explorar como os discursos e textos participam da constituição de fenômenos sociais, em particular aqueles que envolvem relações de poder e dominação.

De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), a prática discursiva deve ser entendida como uma prática social, pois envolve um ciclo contínuo de produção, distribuição e consumo de textos. Esses textos, por sua vez, atuam como mediadores da prática social, pois obedecem a regras e funções contextuais específicas que permitem que o discurso seja interpretado adequadamente no contexto social em que circula. Por exemplo, podemos considerar a distinção entre a prática discursiva no contexto doméstico e o escolar, ou, ainda, entre a prática discursiva nas áreas da saúde e a do direito, cada uma das quais se caracteriza por um conjunto específico de normas e regras que guiam os atos de fala e as práticas sociais nelas envolvidas.

Essas práticas sociais, mediadas pelo discurso, desempenham um papel fundamental na organização e estabilização das ações dos indivíduos em determinados contextos. O discurso não só estabiliza e organiza as ações, mas também possui o potencial de transformar essas práticas sociais, uma vez que pode ser alterado em resposta a mudanças sociais, como descobertas científicas ou novas necessidades na sociedade. Nesse sentido, o discurso age como um agente de mudança, capaz de promover transformações na maneira como as práticas sociais se desenvolvem ao longo do tempo.

A relação entre discurso e prática social é mediada por gêneros discursivos, que são formas relativamente estáveis de organização do discurso, estruturadas de acordo com regras contextuais que possibilitam sua compreensão em determinados cenários. Exemplos disso são os gêneros discursivos associados a bulas de remédio, receitas médicas, manuais de aparelhos, artigos de opinião, notícias, entre outros. Esses gêneros têm o poder de provocar ações nos sujeitos que os consomem, sendo capazes de gerar efeitos ilocutórios, ou seja, de induzir ações concretas na realidade dos indivíduos. Portanto, os gêneros discursivos não apenas organizam o discurso, mas também influenciam as práticas sociais, podendo até mesmo gerar mudanças nas ações e nas formas de interação social.

A transformação da prática social, promovida pelo discurso, é particularmente visível quando consideramos os gêneros discursivos como agentes capazes de modificar as normas sociais. Por exemplo, no contexto jurídico, expressões como "casar-se" ou "divorciar-se", ou, no campo da justiça, "condenar" ou "absolver", demandam a utilização de gêneros discursivos específicos, que estão impregnados de conhecimentos compartilhados, como ideologias e lógicas próprias, e que culminam na realização das práticas associadas a esses atos.

Um exemplo significativo que ilustra a importância dos gêneros discursivos é o caso da "certidão de casamento". O discurso relacionado ao casamento atravessa diversos âmbitos — familiar, religioso, midiático, jurídico e burocrático — e interage com diferentes atores sociais. No entanto, o acesso a esse discurso ocorre de forma indireta, por meio das marcas textuais e das práticas associadas, conforme descrito por Batista Jr. *et al.* (2018). Um exemplo contemporâneo é a discussão em torno do casamento homoafetivo, que continua a gerar debates acalorados nos vários âmbitos mencionados. Nesse contexto, os participantes dessas práticas sociais assumem papéis sociais definidos, interagindo em diferentes níveis de poder, com o discurso funcionando como mediador nas interações entre os indivíduos.

Para entender melhor como o discurso molda as práticas sociais, é necessário considerar a relação dinâmica entre discurso e prática social. Ambos estão em constante interação, com o discurso sendo um fator que influencia a ação social, organizando e

modificando as práticas. Com isso, podemos perceber que, ao ser veiculado em diferentes contextos, o discurso pode reforçar ou contestar as formas de poder existentes nas práticas sociais.

Se considerarmos que o poder do Estado se origina de fontes como as leis, o poder policial e o bélico, é possível compreender como o discurso sustenta e difunde esse poder, posicionando os indivíduos em determinadas funções sociais que o perpetuam. O discurso, nesse caso, não é apenas um reflexo da estrutura de poder existente, mas também um meio pelo qual esse poder é reproduzido e consolidado nas práticas sociais cotidianas.

Fairclough, ao desenvolver a Análise Crítica do Discurso de forma transdisciplinar e em diálogo com as ciências sociais, busca aprofundar a compreensão do papel da linguagem na articulação das práticas sociais, especialmente no contexto global contemporâneo, marcado pela interconexão e pela complexidade das relações sociais. A crítica social desempenha um papel central na ADC, sendo direcionada para dois sentidos principais: o primeiro voltado para a ênfase na ética, na justiça e na decência no processo de análise, com foco na correção de desvantagens sociais. O analista, ao iniciar seu trabalho, deve formalizar o problema social que será investigado, posicionando-se de forma clara em relação às marcas desse processo de análise em seu trabalho Segundo Fairclough (2003, *apud* Batista Jr. *et al.*, 2018),

O segundo sentido da crítica social refere-se ao problema social em si. O objetivo da pesquisa em ADC exige do pesquisador um engajamento profundo para explicar como se dá o processo de articulação social que leva a uma relação de desvantagem ou injustiça social. Nesse contexto, a análise não é neutra, pois implica um juízo de valor que denuncia as relações de poder assimétricas. A análise crítica, portanto, é construída a partir de dois enfoques principais: o normativo, que aplica juízos de valor no início da análise, e o explicativo, que busca desvelar os mecanismos e arranjos sociais que perpetuam essas relações de poder.

2.1 O quadro metodológico em cinco dimensões

Após a compreensão dos conceitos centrais da Análise Crítica do Discurso (ADC), é possível avançar para a aplicação prática do método proposto por Chouliaraki e Fairclough, que se baseia em uma estrutura composta por cinco dimensões. Cada uma dessas dimensões é essencial para o processo de desvelamento das dinâmicas de poder e ideologia presentes no discurso, e sua implementação envolve um processo rigoroso de análise e reflexão crítica.

O primeiro passo no processo de análise é a identificação do problema subjacente à prática social em questão. Este problema deve ser destacado dentro de um contexto que envolva assimetrias de poder, para que a análise seja capaz de revelar as relações de dominação ou exclusão que configuram a situação analisada. Esse primeiro momento conecta-se diretamente à crítica normativa, que foi discutida em uma seção anterior e cujo objetivo é realizar um juízo de valor sobre as questões de ética e justiça no contexto de relações desiguais de poder. A crítica normativa visa, assim, não apenas descrever as práticas, mas também avaliar as desigualdades presentes, levando em consideração a necessidade de reflexividade. Essa reflexividade é fundamental para que os sujeitos subjugados ou em desvantagem no campo do poder se sintam instigados a agir e a buscar formas de transformação dessas relações desiguais.

O segundo passo consiste na identificação das redes de práticas nas quais o problema analisado está inserido. Aqui, o analista deve explorar as várias representações que permeiam os discursos relacionados ao problema. Essas representações não são neutras; carregam consigo os mecanismos de poder e ideologia que estruturam as práticas sociais. Por exemplo, ao analisar um discurso político, pode-se observar como os meios de comunicação, o contexto econômico e as narrativas dominantes influenciam as percepções e atitudes em relação a um determinado grupo social ou evento. O analista deve, portanto, estar atento a essas representações, pois elas desempenham um papel crucial na forma como as práticas sociais são configuradas e legitimadas.

No terceiro passo, o analista aprofunda a análise do texto e do discurso. Neste estágio, o foco se desloca para os elementos textuais específicos e suas interações dentro de uma ordem discursiva mais ampla. O analista deve examinar as palavras, as frases e as escolhas linguísticas feitas ao longo do discurso, atentando-se para os participantes envolvidos, as relações de poder subjacentes e as formas de organização do discurso. Esse momento é crucial para identificar os gêneros discursivos presentes, ou seja, as formas linguísticas que seguem regras e convenções determinadas pelo contexto e que possibilitam a compreensão do discurso em um determinado cenário. Exemplos de gêneros discursivos incluem artigos de opinião, discursos políticos, propagandas, manuais, entre outros. A análise de como esses gêneros são produzidos, distribuídos e consumidos revela não apenas as intenções por trás do discurso, mas também as formas como ele regula e organiza as práticas sociais, influenciando as ações dos indivíduos e dos grupos envolvidos.

O quarto passo da análise consiste na aplicação de uma análise de texto mais detalhada, seguindo a categorização dos gêneros discursivos identificados anteriormente. O

objetivo aqui é conferir legitimidade linguística ao que foi observado nas práticas sociais, confrontando os achados textuais com os comportamentos e as interações observadas no campo das práticas sociais. Esse confronto entre o discurso e a prática permite ao analista verificar até que ponto o discurso reflete ou legitima as relações de poder e as práticas sociais em questão. É nesse momento que as contradições e os pontos de tensão entre o discurso e a realidade social podem ser mais claramente observados, possibilitando uma análise crítica mais profunda.

No quinto passo, o analista deve refletir sobre o papel das práticas sociais em relação aos achados textuais. Aqui, é importante isolar a influência das práticas no problema estudado, para que se possa compreender como o discurso atua sobre as práticas sociais e vice-versa. Este estágio é dedicado à análise da interação entre as dimensões discursiva e prática, com o objetivo de compreender como o discurso pode consolidar ou transformar as práticas sociais. A reflexão deve ser direcionada para os efeitos que o discurso tem sobre as ações dos indivíduos e como essas práticas podem ser reforçadas ou modificadas em função da maneira como o discurso é veiculado e interpretado.

O sexto passo envolve a identificação de possíveis modos de superar os obstáculos presentes no campo das práticas sociais e do discurso. Nesse estágio, o analista começa a buscar formas de mudança, seja por meio da transformação das práticas sociais ou da modificação das representações discursivas. O objetivo é propor soluções ou estratégias para lidar com as desigualdades e injustiças identificadas, com o intuito de promover uma mudança social ou a resolução do problema em questão. Esse passo é fundamental, pois envolve o aspecto pragmático da ADC, que não se limita à identificação dos problemas, mas busca também contribuir para a superação das situações de dominação ou exclusão.

Por fim, no sétimo e último passo, o analista reúne todos os elementos analisados e tece uma rede de relações entre os achados textuais, as práticas sociais e o problema identificado. Esse momento de síntese é crucial para a construção de uma visão holística do fenômeno estudado, no qual as interações entre discurso e prática, as representações ideológicas e as relações de poder são integradas em uma compreensão mais ampla do problema. A ADC, conforme proposta por Chouliaraki e Fairclough, defende que, após o desvelamento completo do problema e de seus componentes, o analista deve fazer uma devolutiva ao grupo social afetado pelo problema em questão. Essa devolutiva tem a forma de um esclarecimento reflexivo, que visa promover a conscientização sobre as relações de poder e as ideologias em jogo, permitindo que o grupo social em desvantagem se engaje ativamente na superação da situação de desigualdade ou injustiça. A agência dos indivíduos e grupos

sociais, estimulada pela análise, é, portanto, um objetivo central dessa abordagem crítica, pois ela visa não apenas desvelar, mas também transformar as condições sociais e discursivas que sustentam as relações de dominação.

A seguir temos uma sumarização de cada passo descrito acima em suas respectivas dimensões:

Quadro 2 - As cinco dimensões propostas por Chouliaraki e Fairclough (1999)

Dimensão 1	Percepção de um problema relacionado à assimetria de poder.	Passo 1
Dimensão 2	Obstáculos a serem superados a) análise da conjuntura b) análise da prática particular c) análise de discurso	Passos 2, 3 e 4
Dimensão 3	Função do problema na prática	Passo 5
Dimensão 4	Possíveis modos de superar	Passo 6
Dimensão 5	Reflexões sobre análise	Passo 7

Fonte: elaboração do autor (com base em Chouliaraki e Fairclough, 1999)

Agora que abordamos os conceitos centrais da Análise Crítica do Discurso (ACD) que fundamentam nossa pesquisa, juntamente com o quadro metodológico de cinco dimensões proposto por Chouliaraki e Fairclough e os passos metodológicos pertinentes a cada uma dessas dimensões, podemos apresentar em detalhes a organização de nosso trabalho, conforme a aplicação desse referencial teórico.

Em primeiro plano, a análise foi iniciada pela identificação do problema, que está relacionado diretamente às assimetrias de poder presentes na prática social investigada. Este problema constitui o objeto central de nossa pesquisa, uma vez que nosso foco é desvelar como as relações desiguais de poder se manifestam por meio do discurso e das práticas sociais, tanto no âmbito do discurso público quanto em contextos específicos. A questão central da pesquisa, portanto, gira em torno da identificação e compreensão desses desequilíbrios de poder, que constituem o ponto de partida para a análise crítica.

No segundo passo, abordamos os obstáculos que precisam ser superados, o que implica a análise da conjuntura e das práticas sociais específicas que sustentam as assimetrias de poder previamente identificadas. A análise do contexto, já apresentada em nossa introdução, foi aprofundada a partir da observação dos elementos que dificultam a transformação das relações de poder, compreendendo as condições e as estruturas que limitam a ação dos sujeitos em posições de desvantagem. Esses obstáculos podem ser tanto de ordem

discursiva quanto de ordem prática, e sua identificação será essencial para a construção de uma análise crítica que não apenas compreenda, mas também proponha formas de superação dessas barreiras.

O núcleo central de nossa análise concentrou-se na identificação dos significados acional, identitário e representacional, que foram abordados de maneira detalhada na análise do discurso, especificamente na segunda dimensão do quadro metodológico. Esses três significados constituem a base da análise discursiva proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) são fundamentais para entender como o discurso e as práticas discursivas moldam e são moldados pelas práticas sociais. A análise do significado acional envolve a investigação de como o discurso provoca ações, ou seja, como as palavras e expressões no discurso têm o poder de gerar comportamentos, decisões e reações dos participantes. O significado identitário, por sua vez, diz respeito às formas como os discursos constroem identidades sociais, ou seja, como são produzidas as representações dos sujeitos e grupos sociais no discurso. Já o significado representacional trata da maneira como o discurso representa ou constrói determinadas realidades sociais, refletindo e reforçando as normas, valores e ideologias dominantes.

No cerne de nossa pesquisa, ao nos concentrarmos no estudo desses significados, debruçamo-nos sobre três eixos principais: a análise do texto, que está voltada para o significado acional, ou seja, o papel da linguagem como fator de ação e transformação; a análise das práticas discursivas, que se relaciona diretamente com o significado identitário, buscando compreender como as identidades e os sujeitos são construídos dentro dos discursos; e, finalmente, a análise das práticas sociais, que se vincula ao significado representacional, procurando entender de que maneira o discurso reflete e constrói as relações sociais e as representações da realidade.

As três últimas dimensões do quadro metodológico foram abordadas de forma integrada nas considerações finais de nossa pesquisa. Nessas considerações, procuramos refletir sobre como as práticas sociais se articulam com os discursos analisados, considerando a forma como as relações de poder e as ideologias subjacentes são mantidas ou transformadas ao longo do processo. Esse momento de síntese busca relacionar as dimensões discursivas e práticas, refletindo sobre as possibilidades de intervenção e mudança nas relações de poder identificadas, à medida que o discurso e as práticas sociais se interconectam e se influenciam mutuamente.

Dessa forma, nossa pesquisa se estruturou de acordo com essas dimensões e etapas, possibilitando uma análise profunda e detalhada das relações entre discurso, ideologia e

prática social, com o objetivo de entender como as assimetrias de poder são construídas, mantidas e, eventualmente, transformadas dentro de um contexto social específico.

2.2 Práticas sociais: uma reflexão sobre ideologia

Como base teórica que nos auxilia na reflexão sobre as práticas sociais identificadas, temos Thompson e sua teoria de como os sentidos e a simbologia podem contribuir para a dominação. O autor entende por dominação uma relação assimétrica de poder, na qual determinado grupo possui acesso ao poder de maneira permanente e em grau significativo, permanecendo esse poder inacessível a outros grupos. Para elucidar isso, Thompson nos apresenta algumas maneiras pelas quais as construções simbólicas servem para a manutenção ou para o alcance da dominação. Essas estratégias de construção simbólica são chamadas de modos de operação da ideologia e seus subtipos, que apresentamos sumariamente no quadro a seguir e detalharemos na seção "Significado representacional" ainda neste capítulo:

Quadro 3 - Modos de Operação da Ideologia

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo
Unificação	Estandartização Simbolização do poder
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Retificação	Naturalização Eternização Nominalização/Passivização

Fonte: elaboração do autor (com base em Thompson, 2011)

Em sua obra “Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa”, Thompson inicia abordando o conceito de ideologia, que ele trata de

forma sequencial através da história e dos vários usos e sentidos. Passando pela ideia da ciência das ideias, depois por uma noção de vazio e preguiça, até chegar aos conceitos atuais e às heranças de conceitos antigos ainda atrelados ao termo “ideologia”. O autor faz uma análise dos que seriam dois conceitos básicos e atuais de ideologia: a ideologia neutra e a crítica. A primeira tem uma carga semântica mais positiva e desvinculada de enganos ou má-fé, em detrimento da segunda, que é carregada de sentido negativo, com a noção de algo enganador, parcial e ilusório.

Thompson (2011) faz um apanhado dos sentidos atribuídos ao termo “ideologia” a partir da era moderna e da difusão acelerada dos meios de comunicação. O autor tenta não apagar o sentido negativo dado por muito tempo ao conceito de ideologia; no entanto, ele busca um conceito de ideologia específico, porém aplicável a uma gama mais ampla de situações. Em sua obra, Thompson associa ideologia, primordialmente, à ideia de formas simbólicas a serviço da dominação (formas assimétricas de relações de poder).

Thompson (2011) coloca para além do campo político a aplicação da ideologia como formas simbólicas a serviço da dominação e inclui as relações de poder dentro das práticas e estruturas sociais, das relações afetivas, dos ambientes de trabalho e dos contextos imediatos das vidas cotidianas dos indivíduos envolvidos nessas relações.

Mais adiante, Thompson (2011) dá ênfase ao conceito de ideologia tratado em sua obra, desta vez com relação às mídias e aos meios de comunicação que se difundiram enormemente desde a era moderna e o surgimento do capitalismo.

As contribuições de Thompson (2011) e seus modos de operação da ideologia são de fundamental importância para que possamos analisar o significado representacional, tendo em vista que a metodologia de análise proposta por Fairclough é transdisciplinar e muitas vezes se vale de outras teorias e métodos para alcançar os objetivos de análise desejados.

2.3 Significados acional, representacional e identificadoral

Ao expandir a relação entre Análise Crítica do Discurso (ACD) e Linguística Sistemática-Funcional (LSF), Fairclough destaca três dimensões principais, que correspondem às macrofunções da LSF. Essas dimensões são: o significado acional, o significado representacional e o significado identitário. A correspondência entre essas dimensões, proposta de forma dialética por Fairclough, está claramente explicitada em sua obra como as relações entre ação e gêneros, representação e discursos, e identificação e estilos. Tais relações estão fundamentadas no tripé que sustenta o trabalho de Fairclough: gêneros,

discursos e estilos, e nos três modos pelos quais o discurso atua enquanto parte da prática social. Esses modos são: o modo de agir, o modo de representar e o modo de ser.

Assim, podemos entender o significado acional como o modo de agir dentro da relação entre ação e gênero. No contexto dessa análise, o foco será a descrição do gênero discursivo, considerando a estrutura sintática (ativa ou passiva) e a importância atribuída ao sujeito, assim como as referências a ele. O significado representacional, por sua vez, diz respeito à relação entre representação e discurso dentro das práticas sociais e discursivas. A análise desse significado se beneficiará dos modos de operação ideológica de Thompson, pois nos permitirá trazer à tona as ideologias presentes no discurso. Já o significado identitário diz respeito à relação entre identidades e estilos, considerando como o discurso contribui para a construção e a negociação das identidades dos sujeitos envolvidos.

Fairclough (2003) propõe uma correspondência entre ação e gêneros, representação e discursos, e identificação e estilos. Para ele, os gêneros, discursos e estilos são modos relativamente estáveis de agir, de representar e de identificar, respectivamente. A análise discursiva ocupa um nível intermediário entre o texto em si e seu contexto social, que inclui eventos, práticas e estruturas. Portanto, a análise de discurso deve ser simultaneamente uma investigação de como os três tipos de significado (acional, representacional e identitário) são realizados nos traços linguísticos dos textos, assim como a conexão entre o evento social e as práticas sociais. A análise deve, portanto, identificar quais gêneros, discursos e estilos são utilizados e como são articulados no texto. Tais elementos ligam o texto a outros aspectos do social - as relações internas do texto com suas relações externas. Nesse sentido, a operacionalização desses conceitos mantém a essência do pensamento de Halliday (Resende, 2005), conforme citado por Resende (2006, p. 1073).

a) Significado acional

Na primeira fase da análise, a atenção se concentra no gênero discursivo, buscando identificar os aspectos semióticos do problema em questão e suas relações com as ações dos atores sociais dentro das práticas sociais. Essas ações são realizadas dentro de formas de prática que podem ser mais ou menos estáveis. Cada prática está associada à expectativa de um padrão de ações que lhe são atribuídas dentro de um contexto ou prática social específica.

Fairclough (2003), conforme citado por Batista Jr. *et al.* (2018, p.132), explica que “o aspecto semântico relacionado aos modos de agir e interagir socialmente são os gêneros que atuam na formação do significado acional” Nos trabalhos de Fairclough, são apresentadas diversas definições de gênero discursivo, como: “um conjunto de convenções relativamente

estável, associado a, e parcialmente representando, um tipo de atividade socialmente aprovada” (Fairclough, 2001, p. 161, apud Batista Jr. *et al.*, 2018); “um tipo de uso da linguagem desempenhado em uma prática social particular” (Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 56); e “uma forma de ação em seu aspecto discursivo” (Fairclough, 2003, p. 216).

A noção de gênero, segundo Bazerman (2005, p. 102), também citada por Batista Jr. *et al.* (2018), aponta que a prática molda a ação, e os gêneros incluem essa percepção em sua constituição, influenciando a personalidade e a autopercepção do indivíduo ao internalizar a “lógica ou cultura” presente no gênero, dominando sua estrutura e funcionalidade e apresentando sinais de identificação íntima com a prática, o que resulta na mudança de sua identidade.

Para que os indivíduos interajam, é necessário mais do que saber ler e escrever, pois o sistema semiótico é complexo e exige compreensão e domínio de suas nuances. Essas nuances, espalhadas pela sociedade, contribuem para o estabelecimento do “modus operandi” das relações sociais. Esse sistema semiótico, segundo Kress e van Leeuwen (2006), resulta da fusão entre linguagem e prática. Para Fairclough (2003, p. 77), o processo de mudança relacionado aos gêneros é de grande importância. Ele destaca que as tecnologias de comunicação e o processo de modernização impactam o desenvolvimento de novos gêneros.

Batista Jr. *et al.* (2018) explicam que Fairclough (2003) adota o conceito de pré-gênero proposto por John Swales em seu livro *Genre Analysis* (1990), discordando da definição de gênero como uma “classe de eventos comunicativos”. Para Fairclough, o verdadeiro evento se dá na relação entre o gênero e uma rede de práticas, e não no gênero em si.

Magalhães (2004) afirma que “os gêneros determinam os textos falados, escritos ou visuais, segundo um padrão sequencial e linguístico (semiótico), conferindo-lhes uma forma particular e convenções discursivas específicas”. Segundo Fairclough (2003), o analista deve observar uma série de características presentes nos gêneros discursivos. Algumas dessas características podem receber mais ou menos atenção, dependendo do objetivo da pesquisa. Em relação ao corpus, é possível apresentar o gênero de forma geral, identificando apenas os elementos distintivos. Contudo, é fundamental levar em consideração os textos no momento da classificação, pois isso permite observar de maneira mais detalhada as diferenças e as mudanças.

Batista Jr. *et al.* (2018) sugerem a análise de objetos interconectados no corpus, como dominação, diferença e resistência. O autor justifica a escolha dessas categorias a partir do estudo da globalização, um contexto no qual a linguagem do capitalismo busca remover,

por meio de projetos políticos, a ação do Estado em questões de proteção social. Nesse contexto, temos o discurso neoliberal, que busca convencer que suas ideias são necessárias e inevitáveis. Utilizando o exemplo de uma pesquisa própria sobre charge eletrônica nesse contexto de discurso neoliberal e capitalista, Batista Jr. et al. propõem essas categorias para análise.

Na categoria de dominação, o gênero não está inerentemente vinculado ao centro do poder; portanto, não é dominante. Em sua pesquisa sobre charge eletrônica, o autor observa que, embora a charge seja produzida para criticar o centro hegemônico, ela ganha força devido ao meio em que é distribuída: a internet. A diferença surge pela diversidade de gêneros dentro do campo político. Por exemplo, a diferença entre os discursos hegemônicos, que visam manter e perpetuar o poder, e os discursos de oposição, como foi encontrado nas charges eletrônicas analisadas. A resistência, por sua vez, ocorre quando os discursos hegemônicos tentam expandir sua influência de forma a manter o poder. No entanto, em resposta a essa expansão, surgem discursos que contestam as relações de poder, frequentemente assimétricas.

Batista Jr. *et al.* (2018) também introduzem outras categorias para análise de gêneros, como a escala, o grau de estabilização e a homogeneização. A escala se refere ao alcance do gênero, que, no caso da charge eletrônica, pode ter uma audiência nacional, mas, com o suporte da internet, esse alcance pode se expandir para uma audiência global. O grau de estabilização trata do nível de variação do gênero em questão, enquanto a homogeneização refere-se ao grau de padronização do gênero. No caso das charges eletrônicas, essas apresentam um baixo grau de homogeneização, uma vez que se identificaram diferenças entre as charges veiculadas na TV e as publicadas exclusivamente no site.

Um fenômeno importante citado por Batista Jr. et al. é o hibridismo de gênero, que ocorre quando um gênero se transforma em outro. Fairclough (2003) chama essa transformação de "cadeias de gênero". O hibridismo de gênero, na mídia, é caracterizado pela fusão entre diferentes tipos de discurso, como fato e ficção, notícia e entretenimento. A introdução de novas configurações de poder por meio do hibridismo de gêneros resulta na participação de novos atores e na ascensão de discursos marginalizados que criticam o poder dominante. Isso é particularmente evidente no uso de comentários, onde o leitor se torna um participante ativo, compartilhando suas opiniões por meio de comentários ou "likes".

b) Significado representacional

Para abordarmos e identificarmos o segundo objetivo de nossa análise, direcionamos nossa atenção ao significado representacional, um dos aspectos centrais que estruturam a prática discursiva. Este significado está intrinsecamente relacionado ao uso da ideologia, sendo, portanto, crucial entender como as ideologias são veiculadas e sustentadas por meio do discurso. Nesse sentido, recorreremos às contribuições de Thompson (2011) e aos seus modos de operação da ideologia, já mencionados anteriormente. A seguir, apresentamos os modos de operação da ideologia, com mais detalhes sobre cada modo e suas estratégias, a fim de esclarecer o que consideramos no que tange à análise do significado representacional.

O significado representacional envolve, de maneira geral, a construção de representações da realidade no discurso, que estão diretamente ligadas às práticas sociais e discursivas, sendo as ideologias parte fundamental desse processo. Thompson (2011) descreve os principais modos de operação ideológica, a saber: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Esses modos podem ser entendidos como estratégias discursivas que têm como objetivo moldar a percepção do público sobre as relações sociais, muitas vezes com a intenção de preservar ou reforçar estruturas de poder estabelecidas. A seguir, apresentamos cada um desses modos, detalhando suas principais características:

Modo da Legitimação

Esse modo de operação ideológica busca justificar e sustentar relações de dominação, apresentando-as como legítimas ou naturais. Dentro deste processo, três subtipos podem ser observados:

- Racionalização

O falante ou autor constrói um argumento lógico e coerente com o intuito de convencer o público de que determinadas relações ou instituições de poder devem ser aceitas, frequentemente apelando para a razão e a lógica como forma de mascarar relações de dominação. Esse processo pode envolver a criação de uma justificativa que parece razoável, mas que, na verdade, busca consolidar a estrutura de poder existente.

- Universalização

Aqui, interesses que são, na verdade, particulares ou específicos de um grupo são apresentados como sendo universais, ou seja, aplicáveis a todos. Isso serve para diluir a ideia de que uma relação ou instituição de poder favorece uma classe específica, tornando-a, assim, mais aceitável para um público mais amplo, ao ser apresentada como algo que beneficia a coletividade.

- Narrativização

Nesse caso, constrói-se uma narrativa que apresenta o presente como parte de uma história contínua, muitas vezes imutável, e essencialmente legítima. O objetivo é fazer com que a situação atual seja vista como a culminação de um processo histórico contínuo e inevitável, que, por sua natureza, se justifica como legítimo.

Modo da Dissimulação

Esse modo de operação visa ocultar, obscurecer ou negar as relações de dominação, apresentando-as de forma a reduzir sua visibilidade ou até mesmo a distorcê-las. Dentro dessa abordagem, podemos observar os seguintes mecanismos:

- Deslocamento

Aqui, ocorre o deslocamento contextual de termos e expressões, ou seja, a manipulação da linguagem para mudar o contexto em que determinadas palavras ou conceitos são aplicados, de modo que o público não perceba sua ligação com relações de dominação ou com práticas de poder. Isso pode ser feito mudando o significado de termos ou utilizando palavras ambíguas que dificultam a identificação clara de certas relações.

- Eufemização

Este processo envolve o uso de expressões ou termos que, embora referenciem relações ou instituições de poder assimétricas, são empregados de forma a suavizar ou minimizar o impacto negativo que esses termos poderiam ter. A eufemização busca transformar algo potencialmente negativo em algo mais palatável ou aceitável, criando uma impressão de que as relações de poder são mais justas ou menos problemáticas do que realmente são.

- Tropo

O uso de figuras de linguagem como sinédoque, metonímia ou metáfora é uma estratégia para disfarçar a natureza das relações de poder. Essas figuras são usadas para simplificar ou ocultar significados complexos, frequentemente desviado do seu contexto original para criar uma nova interpretação que não seja imediatamente reconhecível como uma forma de dominação.

Modo da Unificação

Esse modo de operação ideológica busca construir e reforçar relações por meio da criação de uma identidade coletiva simbólica. Em vez de questionar diretamente as relações de poder, a unificação procura criar um sentimento de unidade que camufle as desigualdades subjacentes. Esse processo pode ser subdividido nas seguintes formas:

- Estandartização

Nesse caso, as relações são apresentadas de maneira a serem aceitas por todos, muitas vezes com o objetivo de criar uma percepção de consenso generalizado. A estandardização busca normalizar certas práticas ou crenças, fazendo com que o público as veja como naturais ou desejáveis.

- Simbolização da unidade

Aqui, constrói-se uma unidade coletiva, frequentemente simbolizada por um ícone ou símbolo comum, como uma bandeira, um hino nacional ou qualquer outro emblema que represente a unidade de um grupo. Esse processo visa criar um vínculo simbólico forte entre os membros do grupo e o sistema de poder em questão, sugerindo que todos estão unidos em torno de um ideal ou valor compartilhado.

Modo da Fragmentação

Atua na construção e manutenção de relações de poder, frequentemente utilizadas para sustentar estruturas hegemônicas, criando divisões e enfraquecendo possíveis resistência ou oposição. Esses processos, muitas vezes, estão relacionados à maneira como grupos sociais são representados e posicionados no discurso, com o intuito de consolidar a autoridade e a estabilidade do grupo dominante. Pode ocorrer pelas seguintes estratégias?

- Diferenciação

Destaca as características que desunem os indivíduos ou grupos, enfatizando suas divergências de forma a dificultar a constituição de um desafio coletivo. Esse processo busca acentuar as diferenças entre as pessoas, seja por meio de características étnicas, sociais, culturais ou ideológicas, criando uma percepção de que essas diferenças são intransponíveis e impedem qualquer esforço conjunto para a mudança das relações de poder. A diferenciação é, portanto, uma estratégia para reforçar a fragmentação social e reforçar a ideia de que a coesão entre os grupos é improvável ou impossível.

- Expurgo do outro

Envolve a construção simbólica de um inimigo, ou seja, a criação de uma figura antagonica que é percebida como uma ameaça à ordem estabelecida. Esse processo não só demoniza o "outro", como também justifica a exclusão, a marginalização ou até a eliminação de indivíduos ou grupos que são definidos como inimigos do status quo. O "outro" é desumanizado e apresentado como um perigo, legitimando ações de controle ou repressão contra ele. A construção simbólica de um inimigo tem o efeito de solidificar as fronteiras entre o grupo dominante e os que são considerados outsiders, e, ao mesmo tempo, fortalecer a

identidade do grupo hegemônico por meio da oposição e da rejeição do que é visto como estranho ou ameaçador.

Modo da Reificação

Trata-se da representação de uma situação como sendo permanente ou imutável, quando, na verdade, essa situação pode ser temporária ou passível de mudança. A reificação busca perpetuar uma visão estática da realidade, apresentando as relações de poder como algo fixo e não sujeitas a transformação. Pode ocorrer das seguintes formas:

- Naturalização

Aqui, uma situação social, histórica ou relacional é apresentada como sendo "natural", ou seja, como algo que não pode ser alterado, como se fosse uma condição intrínseca da sociedade ou da natureza humana. Isso pode ser usado para justificar desigualdades, apresentando-as como inevitáveis ou preexistentes, sem necessidade de questionamento.

- Eternização

Similar à naturalização, a eternização refere-se à representação das relações de poder como se fossem permanentes e imutáveis ao longo do tempo. Esse processo visa consolidar essas relações, evitando que sejam vistas como passíveis de contestação ou mudança.

- Nominalização/Passivização

Nesse processo, há uma ênfase na concentração de certos temas, ao passo que outros são apagados. Além disso, observa-se a passivização da ação, o que implica em ocultar os agentes que gerenciam e/ou controlam essas ações, ou mesmo eliminar a noção de agência, de modo que a ação pareça ocorrer sem um sujeito ativo por trás dela. Isso contribui para encobrir as relações de poder, fazendo com que estas pareçam mais neutras ou impessoais. Através dessa abordagem, podemos compreender as estratégias utilizadas para perpetuar as estruturas sociais existentes, bem como o impacto dessas estratégias nas práticas sociais e discursivas, identificando, assim, as representações que emergem dos exemplares que examinamos.

c) Significado identificador

O pertencimento de indivíduos a determinados grupos sociais, com base em suas identidades, ideologias, funções e práticas, resulta na construção de sentidos de identidade que os conectam a determinados segmentos da sociedade. O processo de construção de identidade,

por sua vez, está intimamente relacionado ao conceito de identificação, sendo influenciado por uma série de fatores sociais, culturais e históricos. Em uma sociedade plural e dinâmica, a identidade de um indivíduo não é unívoca, mas sim multifacetada, podendo abranger diferentes aspectos ao mesmo tempo. Assim, um sujeito pode simultaneamente se identificar como heterossexual, cristão, branco, homem, político e não fumante, por exemplo. Essas múltiplas identidades podem se combinar de formas diversas, com uma delas se destacando sobre as demais, assumindo o papel de identidade principal.

Essa dinâmica de combinação e predominância das identidades pode ser compreendida mais claramente dentro do contexto da sociedade em rede, termo introduzido por Castells (2021) para descrever os novos arranjos sociais que são, ao mesmo tempo, mais descentralizados e horizontais, em oposição aos arranjos hierárquicos e verticalizados de poder, ainda presentes em muitas estruturas sociais. A sociedade em rede, como será discutido em seção posterior, altera profundamente as relações de poder, promovendo uma reconfiguração das formas de pertencimento e de identidade. Nesse novo cenário, as identidades não são fixas ou imutáveis, mas sim fluidas e sujeitas a contínuas negociações.

Dentro desse contexto de identidade e pertencimento, a construção da identidade está estreitamente vinculada a uma ideologia ou a uma função social. A identidade, como conceito, é criadora de significado, enquanto a função social de um indivíduo está ligada à sua prática social e à sua atuação dentro de determinados contextos. Castells (2021) propõe uma divisão das identidades em três grandes categorias, que ajudam a entender as diferentes formas de pertencimento e de resistência às estruturas de poder.

A primeira categoria é a **identidade legitimadora**, cuja origem está nas classes sociais dominantes ou hegemônicas. Essa identidade tem como função legitimar e manter as relações de poder já estabelecidas, servindo, assim, aos interesses dos grupos dominantes. As identidades legitimadoras podem ser vistas, a partir de uma análise ideológica, como formas de naturalização e perpetuação de relações desiguais de poder, que reforçam a estrutura social existente. Para compreender esse fenômeno, é possível traçar uma relação com os modos de operação da ideologia propostos por Thompson (2011), que identificam a legitimação, a naturalização e a perpetuação das relações de poder como aspectos centrais da ideologia dominante. Gramsci e Tocqueville, por exemplo, enxergam a democracia e a civilidade como processos naturais e harmoniosos, enquanto pensadores como Foucault, Sennett, Horkheimer e Marcuse apontam para a dominação internalizada, na qual identidades são impostas e padronizadas, limitando as possibilidades de diferenciação e diversidade dentro da sociedade. Assim, as identidades legitimadoras podem ser vistas como um mecanismo de controle que

assegura a continuidade da ordem social e política vigente, funcionando tanto como um elemento de coesão social quanto como uma forma de homogeneização ideológica.

A segunda categoria de identidade proposta por Castells é a **identidade de resistência**, que surge como uma resposta ou contraposição às relações de poder estabelecidas e que, frequentemente, não servem aos interesses de determinados grupos ou coletivos. Essas identidades de resistência são mais comuns em movimentos sociais e grupos excluídos ou marginalizados, como os movimentos LGBTQIA+, negro, feminista, das classes trabalhadoras e de resistência das favelas. Em muitos casos, esses movimentos de resistência transcendem as fronteiras locais e nacionais, ganhando proporções globais devido à crescente interconectividade proporcionada pelas novas tecnologias de comunicação e pela sociedade em rede. Movimentos como o feminismo, o movimento negro e o movimento LGBTQIA+ se organizam em diversas partes do mundo, mantendo identidades regionais que refletem as necessidades e os contextos locais, mas também dialogando e se articulando de maneira transnacional.

No Brasil, além dos movimentos globais mencionados, existem também movimentos de resistência de grupos étnicos e sociais marginalizados, como os nordestinos e moradores de favelas, que enfrentam processos de exclusão social e histórica. O termo "favela", por exemplo, tem sido ressignificado por esses grupos como uma forma de resistência identitária, destacando a luta contra as relações assimétricas de poder e a discriminação baseada em fenótipo e classe social. Assim, a identidade de resistência não se limita a uma oposição passiva às estruturas dominantes, mas sim a uma afirmação ativa de identidade, em que as diferentes formas de exclusão social encontram um espaço de expressão e reivindicação.

A terceira categoria de identidade é a identidade de projeto, que emerge, frequentemente, a partir de uma identidade de resistência. A identidade de projeto refere-se à transformação de uma identidade resistente em uma proposta de mudança ou de uma nova configuração social. Ela envolve a reinvenção de identidades preexistentes, propondo alternativas para as relações sociais estabelecidas. O movimento LGBTQIA+, por exemplo, é um exemplo claro dessa transição, que, ao resistir à opressão do patriarcalismo, da heteronormatividade e da religião dominante, tem se reinventado ao longo do tempo, criando novas formas de organização social e novas práticas de vida. Por exemplo, a adoção de práticas religiosas alternativas, como as religiões de matriz africana, e a luta pelo reconhecimento legal de casamentos homoafetivos, são expressões dessa identidade de

projeto, que busca transformar as normas sociais e culturais, abrindo espaço para novas formas de ser e de viver.

No contexto brasileiro, observamos também a formação de identidades de projeto nas quais a resistência à exclusão e à marginalização é aliada à reinvenção de identidades religiosas. O caso das igrejas evangélicas inclusivas, que buscam integrar membros da comunidade LGBTQIA+ ao corpo religioso, é um exemplo de como uma identidade legitimadora (a identidade evangélica) pode ser transformada por uma identidade de resistência (a identidade LGBTQIA+), criando um espaço de inclusão para um grupo historicamente excluído. Essa reconfiguração de identidades também pode ser vista na ascensão das religiões de matriz africana, que, em muitos casos, têm se mostrado mais abertas e acolhedoras a indivíduos LGBTQIA+, formando uma nova identidade de projeto que cruza as fronteiras entre movimentos sociais e práticas religiosas.

Uma das manifestações mais notáveis dessa reconfiguração de identidade pode ser observada no relato de Alexya, a primeira mulher trans pastora da América Latina, descrita por Viana (2023). Alexya é uma mulher trans que, além de sua formação acadêmica, atua como professora, é casada com um homem cisgênero e mãe de filhos adotivos. Ela também é proprietária de um ateliê de moda que emprega outras pessoas trans. A narrativa de Alexya rompe com a representação estereotipada e marginalizada frequentemente associada a travestis e mulheres trans, que, na maioria das vezes, são vistas sob uma ótica negativa, ligada à criminalidade, prostituição e exclusão. A construção de sua identidade, como transgênera e cristã, mobiliza signos identitários que desafiam a dicotomia entre fé cristã e sexualidades dissidentes da norma cis-heterossexual. A prática de subjetivação de Alexya, que ressignifica sua identidade dentro da fé cristã, representa uma reconfiguração da relação entre as ordens discursivas de gênero, sexualidade e religiosidade, proporcionando um novo espaço de reconhecimento e aceitação para pessoas trans no contexto religioso.

A identidade de Alexya exemplifica a ideia de uma identidade de projeto, pois ela não apenas resiste às normas impostas, mas também propõe uma nova maneira de ser e viver, combinando elementos de resistência e transformação, e construindo um novo modelo de identidade cristã e transgênera. Esse processo de subjetivação reflete a interseção entre diferentes ordens discursivas e os desafios que surgem quando identidades aparentemente conflitantes se encontram, mas também aponta para as possibilidades de reconfiguração das identidades dentro das estruturas sociais e culturais existentes.

A análise das identidades de resistência e de projeto, especialmente no contexto de atores sociais historicamente excluídos e marginalizados, como o movimento LGBTQIA+ e

as pessoas trans, proporciona um importante entendimento sobre os processos de reconfiguração identitária e as relações de poder que os atravessam. Esse conceito de reconfiguração de identidades pode ser relacionado à construção de significados identificacionais em contextos de disputa de poder, como no caso da construção da identidade do candidato Lula nas mensagens de WhatsApp.

A hipótese de que a identidade de Lula foi construída como uma identidade expurgada, negativamente moldada por discursos de exclusão e marginalização, remete diretamente aos processos de construção de identidades em contextos de luta, resistência e polarização, onde determinados grupos ou figuras públicas são submetidos a construções identitárias que buscam deslegitimar ou subverter sua representação. Da mesma forma que movimentos sociais, como o LGBTQIA+ ou de resistência das favelas, reconfiguram suas identidades em resposta à marginalização e opressão, a identidade de Lula, nas mensagens de WhatsApp, também é resultado de uma disputa discursiva.

No contexto digital, as práticas discursivas desempenham um papel central na negociação e formação de identidades. A utilização de plataformas como o WhatsApp, onde a circulação de mensagens é rápida e muitas vezes sem a devida mediação crítica, permite que identidades sejam moldadas de maneira estratégica e, muitas vezes, polarizada. Segundo Castells (2021), as identidades no espaço digital não são apenas construídas, mas também contestadas e reconfiguradas conforme os interesses dos atores sociais envolvidos. Assim, a análise da identidade de Lula nas mensagens de WhatsApp pode ser vista como uma tentativa de moldá-la dentro de um discurso de exclusão, no qual ele é representado de maneira a negar ou distorcer sua trajetória e seus valores políticos, estabelecendo um contraste entre uma "identidade legítima" e uma "identidade marginalizada".

A construção dessa identidade expurgada, em que Lula é apresentado de forma negativa, alinha-se aos mecanismos de exclusão e marginalização que frequentemente marcam as identidades de grupos socialmente estigmatizados. Essa construção é, portanto, uma forma de resistência simbólica contra uma figura que, ao longo de sua trajetória, representou, para muitos, um símbolo de transformação e inclusão social. Assim como no movimento LGBTQIA+ ou nas identidades de resistência dos grupos marginalizados, a identidade de Lula, no contexto das mensagens de WhatsApp, reflete um processo de luta ideológica em que as práticas discursivas desempenham um papel crucial na manutenção ou subversão do poder.

Dessa forma, a análise das identidades atribuídas a Lula nas mensagens de WhatsApp, à luz das teorias de Castells (2021) sobre a construção identitária no ambiente

digital, permite entender como as disputas de poder e as dinâmicas de exclusão e marginalização são operacionalizadas através da comunicação digital. O caso de Lula exemplifica como, assim como movimentos sociais ou indivíduos em processo de resistência, figuras públicas podem ser desafiadas e suas identidades reconstruídas dentro de um campo discursivo onde o poder de influenciar e manipular o significado de suas existências e ações se torna uma questão central na luta política e social.

3 A ADC COMO MÉTODO

Nossa pesquisa se caracteriza como qualitativa, etnográfica e crítica, dado que tal abordagem é amplamente defendida por diversos autores como a mais apropriada para investigar as práticas sociais em Análise de Discurso Crítica (ADC). Como exemplo, Schmitz (2005) argumenta em favor da utilização da pesquisa qualitativa etnográfica, referenciando Denize e Lincoln (1994), conforme citado por Magalhães et al. (2017). A metodologia qualitativa etnográfica crítica apresenta-se como adequada para nosso estudo, considerando que o objeto de pesquisa será analisado dentro da perspectiva da ADC, que, em muitos casos, demanda uma abordagem qualitativa, ainda que incorpore aspectos quantitativos. Esse será o caso da nossa pesquisa: embora adotemos uma abordagem predominantemente qualitativa, também faremos uso de algumas etapas analíticas de natureza quantitativa. Além disso, ao caráter qualitativo, incorporamos as contribuições da pesquisa etnográfica, uma vez que nosso objeto de estudo diz respeito ao comportamento humano de determinados grupos em um contexto específico. Para completar, damos à nossa abordagem qualitativa etnográfica um viés crítico, em consonância com a definição de crítica no contexto da ADC, que implica a postura política do pesquisador, cuja função é desvelar as formas de dominação ideológica com o objetivo de promover a transformação social, conforme Rajagopalan (2014) *apud* Batista Jr. et al. (2018).

O caráter qualitativo da pesquisa refere-se a uma abordagem na qual os resultados não podem ser plenamente compreendidos por meio de dados numéricos, apesar da possibilidade de utilizar contagens ou quantificações em algumas etapas da pesquisa. A principal ênfase da pesquisa qualitativa reside na compreensão dos fenômenos sociais. No campo da ADC, predomina-se o que se denomina de "perspectiva de estudo situada", oriunda da tradição qualitativa interpretativista. De acordo com Schwandt (2006), citado por Magalhães et al. (2017, p. 29), esse tipo de pesquisa emergiu na década de 1970, em oposição aos modelos de pesquisa experimental, quase-experimental, correlacional ou de levantamento. Ao contrário dessas modalidades, a pesquisa qualitativa permite a análise de aspectos relacionados aos processos sociais, como as dinâmicas do cotidiano, o significado das experiências e os imaginários dos participantes da pesquisa; além da forma como se articulam os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que deles derivam (Magalhães et al., 2017, p. 30). Bauer, Gaskell e Allum (2002, p. 21), também citados por Magalhães (2017), acrescentam que o interesse da pesquisa qualitativa reside em

compreender como as pessoas se expressam espontaneamente, articulando o que é importante para elas e como interpretam suas próprias ações e as dos outros.

Schwandt (2006), citado por Magalhães et al. (2017), ainda faz referência a três posturas epistemológicas presentes na pesquisa qualitativa: a hermenêutica filosófica, que defende a compreensão como uma condição essencial do ser humano; o construcionismo social, que argumenta que o ser humano não simplesmente encontra ou descobre o conhecimento, mas o constrói, enfatizando o interesse em entender como os enunciados funcionam, ou seja, como as práticas sociais e as estratégias retóricas se manifestam nos diversos discursos; e, por fim, a perspectiva que se concentra no significado das ações sociais, as quais são sempre significativas, uma vez que carregam intenções em seu conteúdo.

A questão central da nossa pesquisa refere-se à construção da identidade do candidato Lula, tal como é moldada nos grupos de WhatsApp durante o período eleitoral de 2022. Para tanto, descreveremos o processo de pré-análise que nos levou a identificar a imagem predominante de Lula dentro desses grupos, observando as assimetrias de poder que se manifestam nas mensagens. A análise desse material será conduzida a partir da busca pelos significados acional, representacional e identitário, com o objetivo de aprofundar nossa compreensão acerca da questão central da pesquisa.

a) Pesquisa Etnográfica

A pesquisa etnográfica contemporânea deriva da etnografia antiga, que também se preocupava em estudar o comportamento de grupos humanos em seus contextos naturais. Contudo, a etnografia primitiva realizava suas investigações à distância, com a ajuda de emissários enviados para coletar objetos e utensílios que eram enviados aos pesquisadores na Europa. Estes, por sua vez, aguardavam esses achados para, posteriormente, realizar suas análises, geralmente imbuídas de discriminação e estereótipos. A etnografia moderna, por sua vez, surgiu da necessidade, defendida pelos antropólogos, de que a compreensão dos seres humanos por meio da filosofia, sem um contato direto com os povos estudados, era insuficiente. Essa necessidade se fortaleceu no contexto das grandes navegações e das invasões coloniais que marcaram o encontro de povos com culturas radicalmente diferentes, considerados, então, primitivos e exóticos, o que motivava suas análises.

Para Laplantine (2003), citado por Barros Ataídes et al. (2021, p. 134), a etnografia só se consolidou como prática científica a partir do momento em que o pesquisador passou a ir a campo para realizar a pesquisa de forma direta, observando e coletando material para análise. O antropólogo Franz Boas (1858-1942), conforme citado por Laplantine (2003), é

reconhecido como pioneiro da etnografia por sua afirmação de que a sociedade deve ser compreendida como uma totalidade autônoma, que exige uma pesquisa minuciosa para que seu contexto possa ser totalmente apreendido, permitindo uma análise mais fidedigna. Essa abordagem alinha-se diretamente aos princípios da ADC, especialmente no método proposto por Chouliaraki e Fairclough, que defende uma análise detalhada do problema de pesquisa, com a utilização de várias teorias linguísticas ou transdisciplinares, visando a um resultado mais seguro e preciso.

Dentro da etnografia moderna, destacam-se dois princípios fundamentais: as abordagens ética e êmica. A abordagem ética refere-se à perspectiva externa do pesquisador, enquanto a abordagem êmica busca compreender o fenômeno sob a ótica dos participantes, ainda que o pesquisador mantenha uma posição externa. Esse aspecto da pesquisa etnográfica relaciona-se estreitamente com nosso estudo, pois, embora adotemos uma abordagem ética, a análise dos grupos de WhatsApp por meio da ferramenta "Monitor de WhatsApp" permite que observemos o fenômeno dentro do ambiente natural dos participantes, sem interferir ou influenciar suas práticas discursivas e sociais, adotando uma perspectiva mais interna e genuína de suas interações.

b) Etnografia Crítica

No campo da Análise de Discurso Crítica (ADC), o termo "crítica" refere-se à postura política do pesquisador, cujo objetivo é revelar as formas de dominação ideológica com vistas à transformação social. Rajagopalan (2014), citado por Batista Jr. *et al.* (2018), define essa abordagem crítica como um esforço para desvelar as relações de poder que permeiam as práticas sociais e, assim, contribuir para a mudança social. Nesse sentido, a ADC busca proporcionar reflexividade às práticas sociais, possibilitando aos participantes uma melhor compreensão de sua realidade e, conseqüentemente, ajudando-os a tomar decisões mais informadas e estratégicas em relação às transformações sociais desejadas. Magalhães (2005) corrobora essa visão ao afirmar que um dos resultados das pesquisas sociais críticas e da ADC é o fortalecimento dos participantes (Batista Jr. *et al.*, 2018).

Em contraste com a etnografia tradicional, que busca entender a constituição social de um grupo, a etnografia crítica se foca em um grupo social marginalizado, inserido em uma posição de desvantagem nas relações de poder. Dessa forma, tanto a ADC quanto a etnografia crítica têm como objetivo analisar as práticas e relações de poder, proporcionando aos participantes as condições para a reflexão e a mudança social. A etnografia crítica é, portanto, uma ferramenta poderosa para investigar e transformar as relações de poder, buscando emancipar os grupos desfavorecidos.

A etnografia crítica, assim como a ADC, está comprometida com a análise das dinâmicas de poder e com a busca por soluções para os conflitos sociais, políticos e econômicos. Ambas as abordagens têm em comum o ideal de engajamento em questões sociais e políticas, promovendo a transformação das relações de poder de maneira emancipatória. Muitas áreas do conhecimento, como sociologia, antropologia, estudos da linguagem e educação, utilizam a etnografia crítica para investigar as desigualdades e opressões sociais e, por essa razão, a integração entre ADC e etnografia crítica se mostra particularmente produtiva em nossa pesquisa, dada a sua capacidade de promover mudanças sociais e emancipar os grupos marginalizados no contexto de nossas investigações.

3.1 Constituição do *corpus*

Desde há algum tempo, observa-se que o aplicativo de mensagens WhatsApp tem atraído a atenção de candidatos políticos e de agências de marketing eleitoral como ferramenta estratégica em campanhas políticas, tanto no Brasil quanto em outros países. Esse fenômeno pode ser verificado ao analisarmos sua utilização em eventos eleitorais significativos, como as eleições presidenciais brasileiras de 2014 e as eleições municipais de 2016, que resultaram na vitória de João Dória na cidade de São Paulo. Além disso, a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, também em 2016, foi associada ao uso de disparos em massa no WhatsApp, incluindo a disseminação de informações de origem questionável. Da mesma forma, a campanha presidencial brasileira de 2018, que culminou na vitória de Jair Messias Bolsonaro, foi marcada por práticas semelhantes.

Esse contexto revelou o potencial do WhatsApp como um meio eficaz para a disseminação de informações em larga escala, o que suscitou preocupações quanto à veracidade e à responsabilidade pelo conteúdo compartilhado, bem como à identificação dos autores e propagadores dessas informações. Como resposta a essas preocupações, o WhatsApp assumiu o compromisso de colaborar com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no Brasil, implementando medidas para bloquear contas que utilizassem a plataforma de maneira irregular, em conformidade com as normas e legislações nacionais. Durante o período eleitoral de 2018, mais de 400 mil contas foram suspensas devido a práticas inadequadas. Contudo, apesar dessas ações, o uso de disparos em massa continua sendo uma prática recorrente.

Este cenário é ainda mais preocupante em plataformas que não estabeleceram compromissos semelhantes com autoridades eleitorais e regulatórias. O Telegram, por

exemplo, é frequentemente mencionado como uma plataforma onde práticas de disparos em massa podem ocorrer sem restrições significativas, dada a ausência de mecanismos de colaboração ou regulamentação mais rigorosa.

Em uma reportagem publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo antes das eleições de 2018, destacou-se a preocupação da União Europeia com a transparência no uso do WhatsApp. Embora a plataforma tenha adotado algumas medidas colaborativas, o compromisso com o sigilo, viabilizado pela criptografia de ponta a ponta, e a ausência de regras mais rígidas para garantir a transparência, continuam sendo fatores que facilitam a disseminação de informações de origem anônima. Esses aspectos tornam a plataforma vulnerável ao uso indevido, contrariando preceitos éticos e legais de diversas jurisdições.

Dessa forma, a constituição do nosso corpus se deu a partir da utilização da ferramenta "Monitor de WhatsApp", desenvolvida pelo professor Fabrício Benevenuto de Souza, do Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que possibilita a extração de mensagens oriundas de grupos dessa plataforma de comunicação. Essa ferramenta permite a captura automatizada de interações em tempo real, organizando as informações de maneira estruturada para posterior análise. Desse modo, o "Monitor de WhatsApp" possibilita a investigação de padrões de comunicação e dinâmicas de interação em grupos privados, que tradicionalmente não são acessíveis a outras ferramentas de monitoramento de redes sociais. A ferramenta permite acessar mensagens disseminadas em grupos públicos do aplicativo. Os dados coletados são organizados e podem ser pesquisados utilizando filtros como datas e palavras-chave, o que possibilita a análise de conteúdos ao longo do tempo e a identificação de padrões de compartilhamento. O "Monitor de WhatsApp" parte da necessidade de compreender os efeitos sociais e políticos das mensagens compartilhadas no WhatsApp, especialmente em períodos eleitorais ou em situações de crise, em que a desinformação pode apresentar impactos significativos. Ao mapear padrões de comportamento no compartilhamento de mensagens, a ferramenta apoia estudos acadêmicos, investigações jornalísticas e o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à regulamentação do uso de plataformas digitais.

A ferramenta "Monitor de WhatsApp" é capaz de extrair dados diretamente de grupos do WhatsApp de forma automatizada, sem a necessidade de intervenção manual. Ela realiza a coleta de mensagens trocadas entre os participantes, permitindo a organização dessas informações para análises subsequentes. Cumpre informar que utilizamos a primeira geração da ferramenta, disponível no link: <https://www.monitor-de-whatsapp.dcc.ufmg.br/>, com acesso

fornecido pelo pesquisador que a desenvolveu, visto que o acesso é destinado primariamente a jornalistas e pesquisadores, não sendo aberto ao público em geral.

O primeiro passo para a delimitação e o recorte do material de pesquisa foi a definição do período temporal que seria objeto de análise, optando-se por focar exclusivamente no intervalo que corresponde ao segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022, ou seja, de 3 de outubro de 2022 a 30 de outubro de 2022. Esse recorte temporal foi fundamental para que o “Monitor de WhatsApp” pudesse fornecer, de forma precisa, as mensagens referentes a esse período específico, garantindo a relevância temporal do material selecionado.

Após a realização do comando de busca dentro da ferramenta, obtivemos um total de 100 mensagens extraídas, que foram armazenadas para a fase subsequente da pesquisa. Com o material coletado, procedemos a uma primeira análise exploratória (pré-análise), com o objetivo de identificar padrões e características recorrentes nas mensagens. Durante essa fase, constatamos que as mensagens extraídas tratavam dos dois principais candidatos à presidência da República naquele período, a saber, Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva.

Além disso, observou-se que essas mensagens estavam divididas em dois grupos distintos, apresentando conteúdos de natureza tanto positiva quanto negativa sobre cada um dos candidatos. Essa observação inicial foi crucial para compreender o tipo de narrativa que circulava nos grupos de WhatsApp analisados, proporcionando um panorama preliminar das dinâmicas discursivas e dos posicionamentos ideológicos presentes no ambiente digital durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2022. A partir desse ponto, as mensagens passaram a ser analisadas de forma mais aprofundada, com o intuito de identificar as formas de construção das identidades e dos discursos atribuídos a cada candidato, bem como as estratégias discursivas utilizadas para favorecer ou desfavorecer essas figuras públicas.

Decidiu-se realizar uma contagem das mensagens relacionadas ao candidato Jair Messias Bolsonaro, obtendo-se os seguintes resultados: 27 imagens mencionavam ou exibiam o candidato. Destas, pelo menos 15 apresentavam conteúdo que o tratava de maneira positiva, enquanto as demais continham mensagens de caráter subjetivo, cuja análise detalhada seria conduzida posteriormente. Já em relação ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), verificou-se a presença de 39 imagens que mencionavam seu nome ou exibiam sua imagem. No entanto, apenas duas dessas imagens apresentavam mensagens com um conteúdo objetivamente positivo sobre o candidato.

Com base nessa pré-análise, optou-se por selecionar as mensagens negativas associadas ao candidato Lula para uma análise mais aprofundada, utilizando os procedimentos

teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC), uma vez que nossa preocupação recai sobre as relações de poder assimétricas. A partir da delimitação do corpus inicial, das separações realizadas e da análise das mensagens coletadas por meio do “Monitor de WhatsApp”, constatou-se que, no contexto das mensagens compartilhadas em grupos públicos na plataforma, o candidato Lula ocupava uma posição de desvantagem em uma relação de poder assimétrica. Essa conclusão foi baseada na quantidade expressivamente maior de mensagens negativas direcionadas a ele, em comparação com o candidato Jair Messias Bolsonaro, considerando-se apenas os dois candidatos mencionados nas mensagens analisadas.

3.2 Análise das práticas sociais e discursivas

O contexto de produção discursiva das mensagens que circularam durante o período eleitoral caracteriza-se por narrativas marcadas por ataques diretos a instituições estatais e judiciais, além de discursos que deslegitimam o funcionamento do Estado e de seus representantes. Nesse cenário, destaca-se a propagação de conteúdos que promovem a ideia de um descrédito generalizado no Estado, no Parlamento e no Judiciário, partindo do pressuposto de que todos os seus integrantes são igualmente corruptos ou ineficientes. Essa construção discursiva fundamenta-se em uma tese amplamente difundida no senso comum, segundo a qual o Estado encontra-se em situação de vulnerabilidade para proteger os valores e crenças defendidos por grupos de orientação conservadora. As mensagens disseminadas durante esse período atacaram figuras políticas de orientação progressista, tanto em âmbito nacional quanto internacional, bem como integrantes da Suprema Corte, incluindo membros do Supremo Tribunal Federal (STF). Paralelamente, circularam mensagens que buscavam deslegitimar a atuação dos magistrados, apresentando-os como alinhados a uma agenda ideológica supostamente vinculada ao grupo político do candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

Embora as ações de magistrados e instituições judiciais se limitem ao cumprimento das normas previstas na Constituição Federal de 1988 e nas leis vigentes, as narrativas veiculadas sugerem a existência de uma conspiração que favorece a vitória de determinados candidatos em detrimento de outros. Essa interpretação não encontra sustentação em fatos, mas projeta uma realidade distorcida que reforça a desconfiança na imparcialidade e no funcionamento das instituições democráticas. Vejamos a imagem a seguir:

Imagem 2- Sequência de 5 mensagens expurgando ministros do poder judiciário brasileiro.



Moraes bloqueia perfil de juíza e do jornalista Allan dos Santos na plataforma Gettr



Publicado 46 segundos atrás em 08/10/2022
Por Redação



JUSTIÇA

Gilmar Mendes suspende multa de R\$18 milhões de Lula por processos da Lava Jato



Publicado 14 segundos atrás em 28/09/2022
Por Redação



ELEIÇÕES

TSE determina que canal Brasil Paralelo apague vídeos que associam Lula à esquemas de corrupção



Publicado 1 minuto atrás em 13/10/2022
Por Redação



Fonte: elaboração nossa, a partir da coleta realizada no Monitor do WhatsApp

No conjunto de mensagens apresentado acima, observa-se uma sequência composta por cinco peças de comunicação, organizadas visualmente em duas fileiras. Na primeira mensagem, disposta no canto superior esquerdo, encontra-se a ministra Cármen Lúcia, acompanhada da legenda: “Cármen Lúcia proíbe propaganda de Bolsonaro que associa Lula ao aborto”. A segunda mensagem, também na fileira superior, traz novamente a imagem da ministra Cármen Lúcia, com a legenda: “Cármen Lúcia mantém vídeos em que chamam Bolsonaro de ‘genocida’”.

Na terceira peça, localizada ao lado das anteriores, aparece o ministro Alexandre de Moraes. A legenda associada à imagem informa: “Moraes bloqueia perfil de juíza e do jornalista Alan dos Santos na plataforma Gettr”. Na fileira inferior, à esquerda, a quarta mensagem apresenta uma imagem do candidato Luiz Inácio Lula da Silva sussurrando ao ouvido do ministro Gilmar Mendes, acompanhada da legenda: “Gilmar Mendes suspende multa de R\$ 18 milhões de Lula por processos da Lava Jato”. Por fim, na quinta mensagem, são retratados os ministros Alexandre de Moraes e Ricardo Lewandowski, com uma figura feminina não identificada ao fundo, sob a legenda: “TSE determina que canal Brasil Paralelo apague vídeos que associam Lula a esquemas de corrupção”.

Essas mensagens apresentam um padrão discursivo que opera por meio da associação visual e textual, com o objetivo de construir narrativas que deslegitimam os ministros do poder judiciário. Tal padrão é evidente na forma como as imagens e legendas posicionam os ministros como participantes de supostos conchavos com o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, destacando decisões judiciais que seriam favoráveis ao candidato. Essa estratégia discursiva cria uma percepção de parcialidade institucional, sugerindo que o poder judiciário atua em benefício de um único lado político, vinculado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e a Lula.

A estrutura narrativa dessas mensagens promove uma visão desacreditada das instituições judiciais e de seus representantes, o que pode ter implicações significativas em contextos de decisões futuras que envolvam a defesa da democracia, a manutenção do Estado Democrático de Direito e a validação de resultados eleitorais legítimos. Caso decisões judiciais futuras confirmem a legitimidade de um processo eleitoral que resulte na vitória de Lula, essa construção discursiva pode ser utilizada para fomentar reações adversas, incluindo revoltas populares contra o poder judiciário e as instituições democráticas.

Essa estratégia discursiva encontra paralelo em eventos históricos recentes no Brasil, como o atentado aos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023 e o ataque com explosivos ao Supremo Tribunal Federal (STF) em 13 de novembro de 2024. Tais acontecimentos reforçam

a relevância de compreender o impacto de narrativas deslegitimadoras na promoção da instabilidade institucional e nas tentativas de desestabilização do regime democrático.

Imagem 3 - Sequência de 6 mensagens com conteúdo principal expurgativo contra TSE





Fonte: elaboração nossa, a partir de coleta realizada no Monitor de Whatsapp

No conjunto analisado, composto por seis mensagens, observa-se a manutenção de um padrão discursivo semelhante ao descrito no bloco anterior. Na primeira mensagem, há a imagem do candidato Luiz Inácio Lula da Silva em frente a um microfone, com os braços abertos, acompanhada da legenda: “TSE determina remoção de publicações que associam Lula à perseguição de cristãos.” Na segunda mensagem, Lula aparece em diálogo com o senador Renan Calheiros, enquanto a legenda informa: “TSE atende campanha de Lula e abre investigação contra Jovem Pan.”

Na terceira mensagem, o deputado federal Nikolas Ferreira é retratado vestindo uma camisa da seleção brasileira, em verde e amarelo, sorrindo para a câmera e de costas para uma multidão. A legenda associada à imagem afirma: “Após determinação do TSE, vídeo de

Nikolas Ferreira contra Lula é derrubado das redes sociais.” Na quarta mensagem, aparecem duas imagens lado a lado: uma de Lula e outra de Vicky Vanilla, conhecido influenciador e autor declarado satanista. A legenda indica: “TSE determina remoção de vídeos que associa Lula ao satanismo.”

A quinta mensagem apresenta uma fotografia de parte de um edifício identificado como o "Tribunal Superior Eleitoral", acompanhada da legenda: “TSE determina a remoção de publicações com áudio de Lula sobre Palocci”. Por fim, a sexta mensagem traz uma imagem do candidato Jair Bolsonaro com dois outros indivíduos não identificados, acompanhada da legenda: “TSE manda derrubar propaganda de Bolsonaro em que Lula critica Lula e o PT”.

Essas mensagens articulam uma narrativa na qual o poder judiciário, representado principalmente pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), é retratado como favorecendo o candidato Lula. Por meio da associação direta entre decisões judiciais e benefícios atribuídos ao candidato, as mensagens constroem uma percepção de parcialidade institucional. Essa construção narrativa parece projetar uma deslegitimação sistemática do Judiciário, sugerindo que suas ações visavam exclusivamente beneficiar um candidato específico e seu partido político, o que enfraqueceria a credibilidade de um dos pilares fundamentais da democracia.

Essa estratégia discursiva utiliza mecanismos de expurgo, ao posicionar o Judiciário e o candidato Lula como opositores aos valores defendidos por determinados grupos; de fragmentação, ao dividir os atores sociais em dois blocos polarizados; de narrativização, ao conectar diferentes mensagens que sugerem uma conspiração entre o Poder Judiciário e o candidato; e de dissimulação, ao apresentar as decisões judiciais dentro de um enquadramento que ignora os fundamentos legais que as embasam, substituindo-os por interpretações ideológicas que distorcem os fatos.

A narrativa construída projeta no candidato Lula uma identidade de projeto, em que ele é representado como um ator associado a ideologias e ações que são descritas nas mensagens como perigosas ou ameaçadoras para certos grupos hegemônicos, como cristãos ou defensores de valores considerados tradicionais. Essa identidade, conforme articulada no bloco de mensagens, não reflete um pertencimento a grupos desfavorecidos que buscam relações de poder mais equitativas, mas sim a um grupo extremista que ameaça o status quo. Dessa forma, a narrativa reforça a oposição ideológica entre os valores atribuídos ao candidato e aqueles defendidos pelos grupos que disseminam as mensagens, promovendo um discurso polarizado que fundamenta a deslegitimação de instituições democráticas e de figuras políticas específicas.

3.3 As categorias de análise

a) Verificação de veracidade e checagem

Após a delimitação do segmento do corpus inicial que representava uma situação de desvantagem de poder e oferecia elementos adequados à nossa análise, identificamos inconsistências em diversas mensagens. Essa constatação levantou a hipótese da ocorrência do fenômeno da desinformação. Embora o objetivo principal da pesquisa não seja a identificação ou a análise direta da desinformação, reconhecemos que tratar mensagens verdadeiras e falsas como se tivessem o mesmo valor analítico poderia comprometer a validade dos resultados, especialmente no que diz respeito aos efeitos das práticas discursivas e sociais. Por essa razão, tornou-se necessária a realização de uma checagem detalhada das mensagens relacionadas ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

O processo de checagem foi estruturado em duas etapas principais. Na primeira etapa, conduzimos uma busca por reportagens que abordassem os temas mencionados nas mensagens selecionadas. Para garantir a confiabilidade das informações, optamos por realizar essa busca em um único veículo de comunicação com ampla circulação nacional, reconhecido como uma fonte confiável de conteúdo jornalístico. Escolhemos o portal UOL Notícias como principal fonte inicial. Nesse ambiente, pesquisamos informações específicas de cada mensagem obtida por meio do “Monitor de WhatsApp”. Essa investigação permitiu classificar as mensagens como falsas, verdadeiras ou parcialmente verdadeiras, considerando os casos em que havia distorções, descontextualizações ou elementos dissimulados.

Na segunda etapa, complementamos a análise utilizando a agência de checagem de fatos “Aos Fatos”. A combinação dessas duas fontes possibilitou uma verificação mais robusta das mensagens, uma vez que algumas delas foram encontradas exclusivamente no portal UOL, enquanto outras apareceram apenas na agência “Aos Fatos”. Nos casos em que as mensagens foram verificadas por ambas as fontes, foi possível comparar os resultados da checagem objetiva realizada pela agência com as informações contextuais fornecidas pelo UOL.

Com o processo de formação e delimitação do corpus concluído durante a fase de pré-análise, procedemos à análise do material, de acordo com os objetivos traçados para a pesquisa. Essa análise será guiada pelo quadro metodológico desenvolvido por Fairclough (1999), que estrutura a investigação em cinco dimensões, com foco nos significados acional,

representacional e identitário. Tais significados permitem compreender a construção de identidades a partir de práticas discursivas, distribuídas e analisadas sob esses três eixos.

A análise dos significados acionais examina como as práticas discursivas são usadas para agir sobre o mundo e produzir efeitos específicos. O significado representacional explora como os eventos, atores e relações sociais são descritos, organizados e compreendidos nas mensagens analisadas. Por fim, o significado identitário investiga como os discursos constroem identidades sociais, atribuindo aos sujeitos características que refletem ou desafiam relações de poder preexistentes. Esses elementos analíticos serão fundamentais para alcançar os achados que respondam às perguntas da pesquisa, contribuindo para uma melhor compreensão das práticas discursivas no contexto estudado.

b) Significado acional e gêneros do discurso

Para o início da análise proposta, orientada pelos objetivos de pesquisa estabelecidos, inicia-se a investigação pelo significado acional, que constitui a primeira fase do processo analítico. Essa etapa fundamenta-se em uma abordagem textual e discursiva, buscando compreender as práticas discursivas subjacentes às mensagens do corpus. O objetivo primordial é descrever os gêneros discursivos presentes em cada mensagem, entendendo suas características e implicações no contexto do problema investigado.

Na descrição dos gêneros discursivos, realiza-se também a caracterização das imagens que integram as mensagens. Identifica-se que boa parte do corpus é composta por mensagens que combinam texto e imagem, enquanto outras são constituídas apenas por elementos visuais. Reconhece-se que as imagens desempenham um papel significativo na transmissão de informações e na construção de sentidos dentro do material analisado. Contudo, opta-se por limitar a análise das imagens a uma descrição detalhada, sem adotar uma abordagem multimodal. Essa decisão baseia-se na compreensão de que a inclusão de uma análise multimodal implicaria a ampliação do escopo da pesquisa atual, comprometendo a viabilidade de sua conclusão no prazo estipulado. Em contrapartida, considera-se que o aprofundamento dessa vertente pode ser explorado em estudos futuros, ampliando o conhecimento sobre o fenômeno investigado e oferecendo novas perspectivas analíticas.

Na continuidade dessa fase, dá-se atenção à estrutura sintática dos textos. Busca-se identificar e evidenciar o papel do sujeito nas mensagens, analisando se ele se apresenta em uma posição de voz ativa ou passiva. Essa distinção é relevante, pois a escolha de uma ou outra forma pode indicar estratégias discursivas voltadas à atribuição de agência ou à neutralização do papel do sujeito nos eventos narrados.

Como próximo passo, realiza-se uma análise específica sobre as referências ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva nas mensagens. Investiga-se a forma como o referente “Lula” é mencionado, incluindo as possíveis presunções subjacentes à sua representação nos textos. Em particular, avalia-se o uso de adjetivos associados ao candidato, buscando compreender as conotações e os sentidos que esses elementos linguísticos imprimem ao discurso.

Essa abordagem permite avançar na compreensão das práticas discursivas e das estratégias utilizadas no material analisado, estabelecendo a base para os estágios subsequentes da pesquisa, em consonância com os pressupostos teóricos e metodológicos adotados.

c) Significado representacional e ideologias

A segunda fase da pesquisa destina-se à análise do significado representacional. Esse significado está relacionado ao uso de ideologias e, para tanto, utiliza-se a teoria de Thompson (2011) sobre os modos de operação da ideologia. A partir dessa teoria, identificam-se os modos de operação ideológica mais frequentes nas mensagens do corpus. Após a identificação, elabora-se uma tabela com as frequências e os modos de operação de ideologia encontrados. Com essa fase de análise, obtêm-se informações que permitem a transição para a terceira e última fase da investigação.

d) Significado identificacional e práticas discursivas

Dando seguimento, apresenta-se o terceiro e último significado a ser investigado na pesquisa: o significado identificacional. Esse significado está diretamente relacionado às práticas discursivas, razão pela qual recorre-se à teoria de Castells (2021) para auxiliar na análise desse significado. Para essa etapa, inicia-se com a definição do conceito de identidade, seguido pela caracterização das identidades conforme proposto pelo autor. Em sequência, realiza-se a identificação das identidades confirmadas no discurso hegemônico, sendo que, no caso da pesquisa, as identidades em questão são aquelas de caráter negativo em relação ao candidato Lula.

4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE LULA EM MENSAGENS DE WHATSAPP: ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS ACIONAL, REPRESENTACIONAL E IDENTIFICACIONAL

Neste capítulo, procederemos à análise das mensagens selecionadas para investigação, com base nos parâmetros estabelecidos pela metodologia e teoria adotadas nesta pesquisa. As mensagens escolhidas foram organizadas em blocos, de modo a agrupar aquelas que compartilham padrões similares. O primeiro bloco, denominado Bloco 1, é subdividido em duas partes, a Parte A e a Parte B. Tal subdivisão decorre da identificação de dois padrões distintos presentes nas mensagens dentro do mesmo bloco.

Na Parte A, o padrão observado refere-se às mensagens que abordam líderes, presidentes e chefes de Estado da América Latina, os quais são associados de maneira expurgada ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Já na Parte B, o padrão identificado diz respeito a indivíduos do contexto nacional brasileiro, que ocupam posições de relevância ou liderança política, também sendo associados de forma expurgada ao ex-presidente.

Nos blocos subsequentes, que totalizaram quatro, cada um é descrito juntamente com as mensagens que o compõem. A análise das mensagens em cada bloco segue os critérios e a estrutura definidos pela metodologia adotada, permitindo uma compreensão detalhada das relações e dos padrões identificados nas comunicações investigadas.

ANÁLISE DO BLOCO 1 - Identidade construída a partir do expurgo dos apoiadores numa tentativa de furar bolhas gerando polêmicas fora dos grupos que tratam especificamente de Lula e Bolsonaro

Parte A

Na parte A temos um grupo com presidentes e chefes de estado.

Imagem 4 - sequência de imagens que associam líderes políticos nacionais e da América Latina em apoio a Lula



Fonte: elaboração nossa, com base na coleta realizada no Monitor de Whatsapp

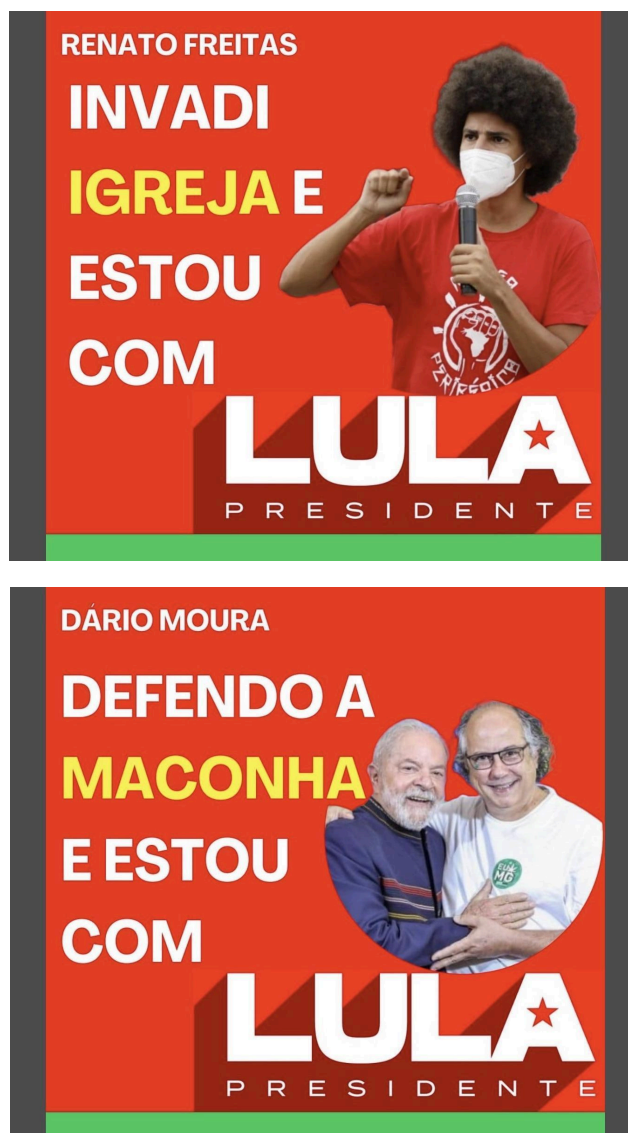
Parte B

Na parte B temos um grupo de pessoas famosas e/ou influentes, ligadas à política ou não que foram associadas ao candidato Lula.

Imagem 5 - sequência de imagens associando figuras políticas e lideranças nacionais à práticas ou ideologias expurgadas e fazendo associação em apologia ao Lula







Fonte: elaboração nossa, com base na coleta realizada no Monitor de Whatsapp

Neste primeiro bloco, para fins de análise do significado acional, a figura de Luiz Inácio Lula da Silva é retratada como passiva, sendo alvo de ataques que visam associá-lo a indivíduos ou a comportamentos que são, de forma explícita ou implícita, considerados negativos, ou até mesmo criminosos. Como ilustrado nos exemplos anteriores, a ex-presidente Dilma Rousseff é vinculada ao terrorismo e, simultaneamente, apresentada como defensora ou apoiadora do candidato Lula. Nesse contexto, configura-se um gênero discursivo de natureza difamatória, no qual Lula é consistentemente posicionado como receptor das ações e apoios de outros, em vez de ser o agente ativo de qualquer ato. Como sequência à análise do significado acional, podemos analisar os aspectos visuais das mensagens. Esses aspectos, nas mensagens do bloco acima, fazem alusão direta a símbolos do PT (Partido dos Trabalhadores). As alusões identificadas são a escolha da cor vermelha, que é a mesma cor do

PT e de sua bandeira, e a estrela na letra "L" do nome Lula, que faz alusão à estrela da bandeira do PT.

Além disso, tanto Lula quanto as figuras mencionadas nas mensagens são sujeitos ao que Thompson (2011) descreve como o "expurgo do outro", processo no qual são marginalizados ou removidos do campo social e político. No caso específico deste bloco, observa-se uma peculiaridade no expurgo, dado que o alvo direto da exclusão não é Lula propriamente dito, mas sim seus supostos apoiadores, que servem como meio para desacreditar o ex-presidente de forma indireta. Essa estratégia discursiva configura uma forma de distorção da imagem pública de Lula, ao associá-lo a práticas e pessoas que são amplamente deslegitimadas.

Por fim, no nível do significado identitário, pode-se perceber, nas mensagens analisadas, uma construção de identidade que se sustenta por meio da repetição de um discurso coerente, propagado pelo locutor — ou autor das postagens. Esse discurso, ao centrar-se no processo de expurgo, contribui para a formação de uma identidade específica para Lula, que é construída não em termos de um sujeito autônomo, mas como parte de um projeto político mais amplo. A identidade de Lula, conforme construída neste bloco, pode ser entendida, à luz da teoria de Castells (2018), como uma "identidade de projeto", em que o ex-presidente é constantemente moldado e redefinido por um conjunto de discursos e práticas que visam associá-lo a um determinado campo de significados, muitas vezes com intenções de deslegitimação.

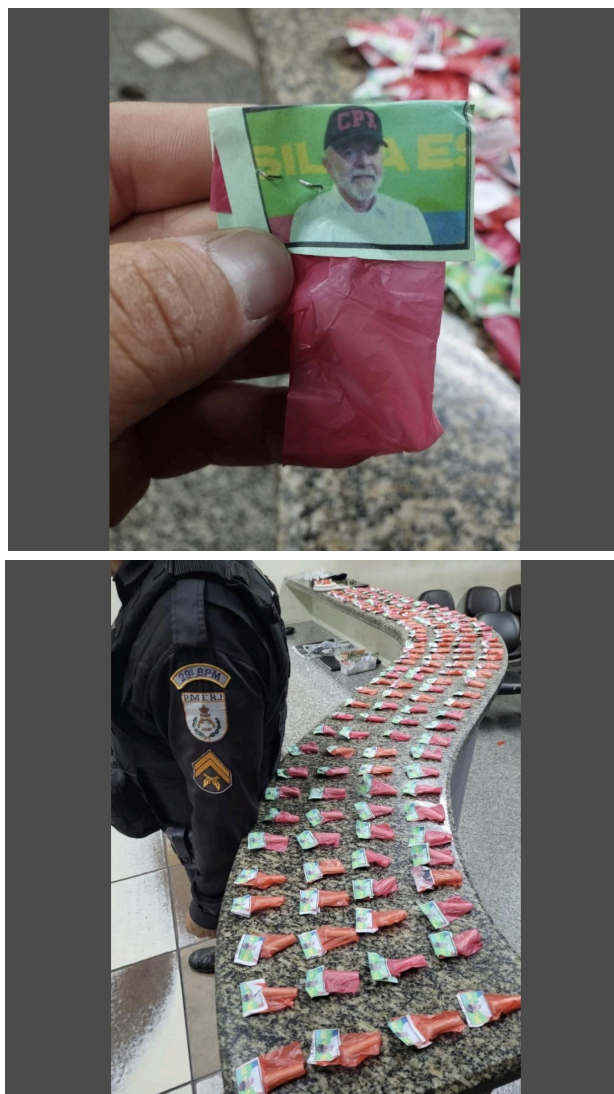
ANÁLISE DO BLOCO 2 - Associação entre o candidato Luiz Inácio Lula da Silva e práticas ilegais, como o tráfico de drogas e o crime organizado

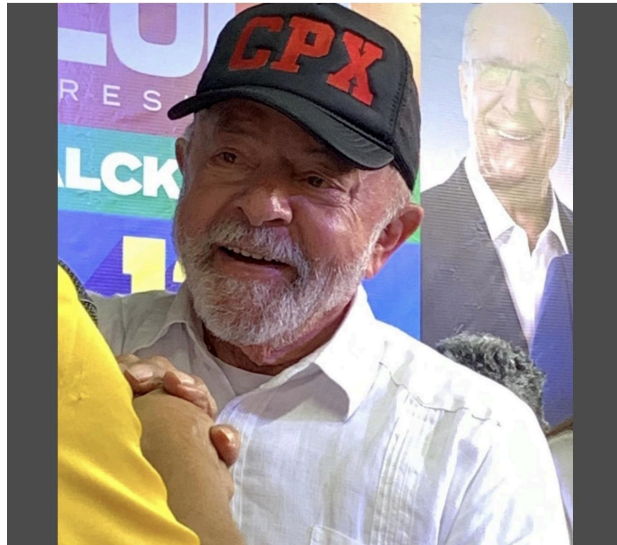
O modo de operação da ideologia de "narrativização" manifesta-se de maneira complexa, especialmente no processo de construção da identidade de Luiz Inácio Lula da Silva, que se dá por meio da associação de imagens fotográficas que são distorcidas de seu contexto original. Nesse processo, a identidade de Lula é modelada ao ser vinculada à sigla "CPX", o que ocorre através do compartilhamento de sete imagens fotográficas em uma rede social, no caso, o aplicativo de mensagens WhatsApp. As imagens compartilhadas são caracterizadas por dois mecanismos discursivos principais: o "deslocamento" e o "expurgo".

Esses mecanismos atuam de forma a deslocar a imagem do candidato Lula para um campo de significados que, embora não tenha relação com a sua realidade, é imposto pelas imagens, criando uma associação distorcida e falsa. O uso da sigla "CPX", por exemplo, é

realizado de maneira desinformativa, associando-a ao crime organizado, embora, conforme a checagem realizada junto à agência Aos Fatos, a sigla "CPX" seja, de fato, uma abreviação que se refere ao "complexo de comunidades" no Rio de Janeiro, particularmente a áreas de favelas, e não ao crime organizado. Nesse contexto, a prática discursiva de associar a sigla a atividades ilícitas é um exemplo claro de distorção intencional das informações, o que reforça a construção de uma identidade política para Lula que se distancia de sua representação factual e real, alicerçada em uma associação imprópria e deliberada com atividades criminosas.

Imagem 6 - Sequência de fotos compartilhadas em grupos de Whatsapp associada a texto que acusava o candidato a presidente Lula de associação com suposta facção chamada de CPX, nome da organização que representa favelas do Rio de Janeiro similar a CUFA







PROCURADO
XANDINHO CPX
ALEXANDRE DE SOUZA LIMA

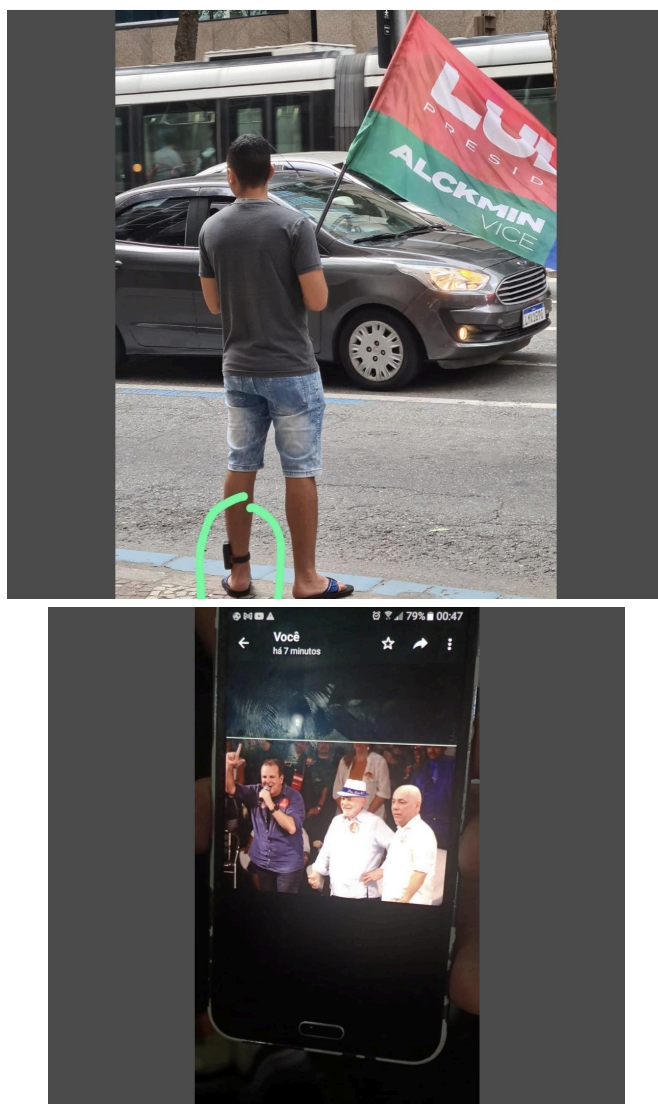


RECOMPENSA
R\$ 1.000,00

WHATSAPP
TELEGRAM
(21) 98849-6099
WWW.FACEBOOK/PROCURADOS.ORG/

ANONIMATO
GARANTIDO

DENUNCIE
2253 1177
DISQUE DENUNCIA RIO



Fonte: elaboração nossa, com base na coleta realizada no Monitor de Whatsapp

Embora a análise de imagens não tenha sido um dos objetivos desta pesquisa, no bloco de mensagens mencionado, observa-se uma predominância de imagens que, coletivamente, formam uma narrativa acerca de Luiz Inácio Lula da Silva, associando-o implicitamente a atividades ilícitas, como o tráfico de drogas e o crime organizado. Essas imagens, de maneira recorrente, fazem associações entre papelotes, supostamente de drogas, e a imagem do candidato Lula, bem como com um boné ostentando a sigla "CPX". Em outra imagem, é apresentada a fotografia de um indivíduo supostamente procurado pela polícia, identificado como "Xandinho CPX", seguida pela imagem de um fuzil com a mesma sigla e, posteriormente, a foto de um homem realizando campanha de rua para Lula, enquanto usa uma tornozeleira eletrônica. A alegação de que "CPX" seja uma sigla associada a facções criminosas foi, no entanto, checada pela agência Aos Fatos e verificada como falsa.

Dessa maneira, a mensagem transmitida por meio dessas imagens é baseada em desinformação, a qual, para os fins desta análise, compreendemos como um gênero discursivo. Mesmo que a associação de "CPX" ao crime organizado seja infundada e tenha sido refutada pela checagem de fatos, a construção da narrativa por meio dessas imagens continua a configurar uma manipulação discursiva significativa. Nesse caso, a imagem de Lula é posicionada como uma figura secundária, mas com a finalidade de reforçar a falsa associação com o crime organizado. A utilização do gênero imagem, em conjunto com a desinformação, compõe o significado acional da mensagem, ao representar Lula como um sujeito passivo dentro de uma estrutura narrativa que o liga a práticas ilegais, sem que ele seja explicitamente o agente dessas ações. A escolha da cor vermelha nos papelotes com a foto de Lula e na sigla "CPX" faz alusão à cor do PT e de sua bandeira.

No nível do significado representacional, identifica-se a utilização do mecanismo de "expurgo do outro", conforme descrito por Thompson (2011), pois, ao associar Lula a uma facção criminoso fictícia, a narrativa busca marginalizá-lo, afastando-o da esfera legítima da política e do convívio social. A construção de uma narrativa que supostamente estabelece uma lógica entre Lula, a sigla "CPX" e o crime organizado caracteriza-se como uma forma de narrativização que visa criar uma conexão entre esses elementos de maneira coerente, ainda que falaciosa.

Já no significado identitário, observa-se novamente a construção de uma identidade de Lula que pode ser compreendida dentro da perspectiva de "identidade de projeto", conforme discutido por Castells (2018). Essa identidade é projetada de forma expurgada, pois associa Lula a um campo de significados em que ele é vinculado ao crime organizado, o que, ao contrário de uma identidade de resistência, sugere uma tentativa de construção da imagem de alguém marginalizado, mas com vínculo a organizações que possuem poder dentro de certos setores da sociedade. Essa associação contribui para moldar uma identidade de Lula que remete a um projeto político distorcido, no qual ele não é mais apenas um líder político, mas uma figura cujas ações e alianças são apresentadas como parte de uma estrutura de poder ilícita, capaz de provocar transformações sociais por meios ilícitos, afastando-o da construção de uma imagem legitimadora de sua figura pública. Na última imagem, observa-se Lula ladeado por outros dois senhores; nesse sentido, não foi possível utilizá-la para a presente análise, uma vez que essa imagem destoa do padrão das demais. Deixá-la-emos para pesquisas futuras, caso se faça útil. Entretanto, a mantivemos no corpus para não alterar o corpus original fornecido pela ferramenta "Monitor de WhatsApp" e por se enquadrar no padrão de imagens de Lula correspondente a esse bloco.

ANÁLISE DO BLOCO 3 - Identidade construída através do expurgo de seus defensores e mais duas mensagens com Lula ao lado de duas “personas non gratas” dos opositores de Lula e uma com postagem de André Janones, que foi acusado de corrupção (BBC Brasil, 2023) defendendo Lula

Imagem 7 - sequência de imagens compartilhadas no WhatsApp mas colhidas do ambiente virtual Facebook em que o tema principal é o roubo do carro de um perfil intitulado de Luciana Tavares, com o logotipo em apoio a Lula, supostamente professora, e um outro usuário fazendo comentários sarcásticos relacionados ao fato do roubo do carro e o uso indevido do veículo e ironizando com o uso do argumento dos ladrões serem vítimas da sociedade. Sendo as duas últimas mensagens de contexto distinto, em que Lula aparece abraçando Hugo Chávez e com o atual presidente da Venezuela, Nicolás Maduro ao fundo e a legenda “ Bora espalhar a foto pra ver se o Facebook vai apagar de novo.” Na quinta e última foto temos uma postagem de André Janones, aparentemente no antigo Twitter, em que seu texto diz: “Se o Bolsonaro bater o recorde do Lula no podcast Inteligência LTDA hoje 18:30 eu entrego meu mandato! Impossível ele bater. Se bater adeus câmara pra mim. Vejam como tenho certeza disso a ponto de apostar meu mandato. Aguardem!”

 **Luciana Tavares** está em Mogi das Cruzes, São Paulo, Brazil. 3 d · Mogi das Cruzes · 🌐

Me ajude a recuperar meu carro, eu ainda estou pagando!
#caiocunha #policiamilitar



3 indivíduos armados Roubaram meu carro a noite em jundiapéba qdo. Eu entrava na garagem. Por favor me ajude a encontra-lo. Ligue 190

←  **Luciana Tavares**
luciana_tavares_1970



Luciana Tavares
luciana_tavares_1970 · Instagram
185 seguidores · 918 publicações
Vocês não se seguem mutuamente no Instagram

Ver perfil

Hoje 11:28

Prezada Prof Lu, uma pena terem levado seu carro. Espero que quem levou possa fazer bom uso pra suprir as necessidades de deslocamento deles. Creio que se pegaram assim, foi por não terem condições de comprar e são apenas vítimas da sociedade. Vamos apenas torcer pra não utilizarem o veículo pra fazer nada de ruim com outras pessoas. Fico muito feliz que você entenda a necessidade deles e socializou o fruto do teu trabalho. Faz o L e vamos juntos nessa luta.

Mensagem...



Fonte: Elaboração nossa, com base na coleta realizada no Monitor de Whatsapp

No bloco de imagens analisado, a primeira imagem apresenta uma postagem de Luciana Tavares, na qual ela solicita ajuda para localizar seu carro, que havia sido roubado. Na segunda imagem, observa-se uma mensagem privada compartilhada no aplicativo "Messenger", em que o texto ironiza o roubo, com comentários que fazem referência a

ideologias de esquerda, como pode ser observado nas expressões "... vítima da sociedade" e "... suprir a necessidade de deslocamento deles" (referindo-se aos ladrões). Na terceira imagem, é exibido o perfil principal de Luciana Tavares, com o logotipo de Lula 13 em sua foto de perfil, o que indica uma associação visual com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Neste bloco, as imagens que possibilitam uma análise mais aprofundada envolvem duas postagens específicas. A primeira é uma foto do ex-presidente Lula abraçando o ex-presidente venezuelano Hugo Chávez e próximo ao atual presidente Nicolás Maduro, acompanhada da legenda: "Bora espalhar a foto para ver se o Facebook vai apagar de novo". A segunda mensagem é uma postagem que, supostamente, pertence ao perfil do deputado André Janones, na qual ele declara apoio a Lula. Essas duas mensagens podem ser analisadas no contexto do significado acional, uma vez que ambas utilizam o gênero "postagem em rede social" como meio de veiculação de ideias.

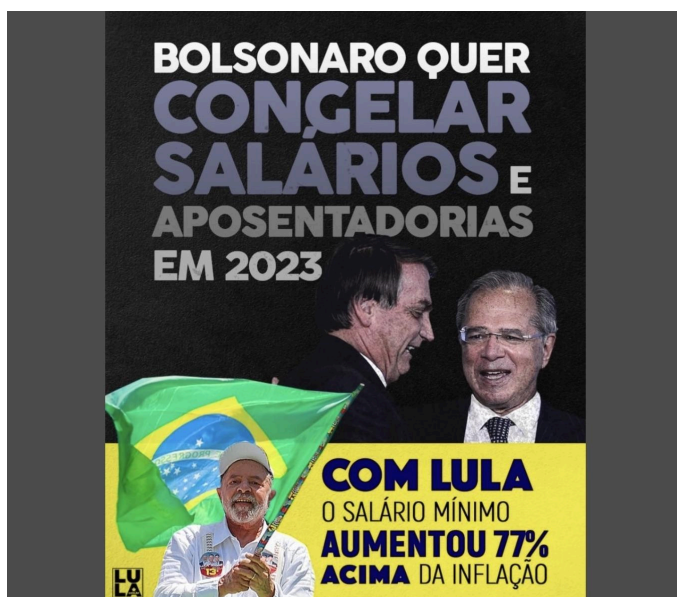
No caso dessas postagens, Lula ocupa um papel secundário, sendo novamente associado a figuras políticas de regimes que, embora frequentemente classificados como ditatoriais, têm sido objeto de debate quanto à sua caracterização, como indicado pela entrevista da professora Carla Ferreira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), à Agência Brasil (2024), na qual esses regimes são descritos como não sendo claramente nem uma democracia nem uma ditadura. A análise dessas mensagens revela o uso do mecanismo de "expurgo do outro", ao associar o ex-presidente Lula a figuras políticas que, no imaginário coletivo, são vistas como opostas às ideias de liberdade e democracia. Ao mesmo tempo, utiliza-se o processo de "narrativização" para construir a associação de Lula com esses regimes, criando um significado representacional que visa consolidar uma imagem de Lula como aliado de líderes políticos considerados perigosos, especialmente pelos opositores do ex-presidente.

Por fim, a análise do significado identificacional aponta para a construção de uma identidade de projeto associada a Lula, uma vez que ele é retratado como alguém cujas alianças políticas poderiam, no caso de um retorno à presidência, resultar na implementação de ideologias tidas como ameaçadoras por seus opositores. Essa narrativa busca gerar um sentimento de temor no público-alvo, sugerindo que o ex-presidente Lula, ao se associar a figuras como Chávez e Maduro, endossa ideologias com potencial para serem implantadas em sua gestão, caso seja novamente eleito. A construção dessa identidade de projeto visa, portanto, projetar uma imagem de Lula como defensor de um modelo político que

representaria riscos para os valores e as instituições do país, configurando um possível cenário de mudanças radicais no caso de seu retorno ao poder.

ANÁLISE DO BLOCO 4 - Constituído por três mensagens de padrão distinto entre si, sendo duas com conteúdo em comum e negativo em relação a Lula e uma em que coloca Bolsonaro em situação de desvantagem em relação a Lula

Imagem 8 - sequência de três mensagens distintas em que uma é de cunho positivo em relação a Lula e duas de cunho negativo. A primeira imagem trata de uma suposta pesquisa eleitoral favorável ao candidato Bolsonaro, a segunda informa que Bolsonaro quer congelar salários e com Lula o salário mínimo aumentou 77% e na terceira mensagem o texto diz que Lula dará um prazo para que todos devolvam as suas armas de forma espontânea





Fonte: Elaboração nossa, com base na coleta realizada no Monitor de Whatsapp

No bloco de mensagens analisado, a primeira mensagem apresenta uma suposta pesquisa de intenção de voto, na qual a porcentagem de intenções de voto para o candidato Jair Bolsonaro é de 52,7%, enquanto a porcentagem para Luiz Inácio Lula da Silva é de 47,3%. Na segunda mensagem, surge uma imagem de Paulo Guedes, aparentemente conversando com Bolsonaro, acompanhada da legenda: “Bolsonaro quer congelar salários e aposentadorias em 2023”. Em primeiro plano, na parte inferior da imagem, aparece Lula segurando a bandeira do Brasil, com a legenda: “Com Lula o salário mínimo aumentou 77% acima da inflação”. Na terceira mensagem, é exibida uma imagem de Lula falando ao microfone, com a manchete: “Daremos um prazo razoável para que todos possam entregar suas armas de forma espontânea, sem punição”. Essa informação foi checada pela agência Aos Fatos e considerada falsa, configurando, portanto, o uso de desinformação.

Nesse bloco, são apresentadas as três únicas mensagens que se dirigem diretamente ao candidato Lula, sendo cada uma delas associada a um gênero discursivo distinto. Na primeira imagem, que exibe uma pesquisa eleitoral, temos o gênero “pesquisa eleitoral”, no qual Lula é retratado em desvantagem em relação ao candidato Bolsonaro. Nessa mensagem, o significado acional é construído por meio de Lula como figura passiva, uma vez que a informação apresentada é puramente quantitativa, sem que Lula seja o sujeito de qualquer ação e pela cor vermelha na tarja que indica sua porcentagem desvantajosa na, suposta, pesquisa. A escolha da cor vermelha conecta os significados da cor vermelha do PT e a posição de desvantagem de Lula. O significado representacional é formado através do uso de

racionalização, no qual se constroi uma cadeia de raciocínio que visa legitimar e defender a relação de poder assimétrica mostrada na imagem. Observa-se, também, o uso de diferenciação e expurgo do outro, pois Lula é representado como adversário (inimigo), criando uma separação clara entre os grupos de “nós” e “eles” e colocando Bolsonaro em uma posição de vantagem, o que sugere uma representação pejorativa e negativa de Lula. Finalmente, o significado identificacional, nesse caso, é construído com a criação de uma identidade de resistência, embora expurgada, pois Lula é mostrado em uma posição de desvantagem, sendo um adversário a ser combatido.

Na segunda mensagem, o significado acional é gerado pelo gênero “notícia”, com Lula sendo representado como uma figura ativa, responsável por um aumento de 77% no salário mínimo. No significado representacional, há o uso de racionalização, no sentido de defender a ideia de que Lula é um candidato mais vantajoso em relação a Bolsonaro. O uso de diferenciação é evidente, pois ambos os candidatos são apresentados como pertencentes a grupos opostos. Quanto ao significado identitário, Lula é atribuído a identidade de um político que defende os interesses das classes mais baixas, já que a questão do salário mínimo é uma preocupação central para os segmentos mais pobres da população. Nesse contexto, Lula é apresentado como um defensor de uma agenda que visa à valorização do salário mínimo, configurando uma identidade de projeto voltada para a promoção de melhorias econômicas para as classes mais desfavorecidas.

Na terceira mensagem, a estratégia da “desinformação” é empregada de forma a aparentar ser uma notícia, com Lula ocupando a posição de uma figura ativa, responsável por informar o público sobre seus planos relativos ao controle de armas. A camisa de cor vermelha (alusão à cor do PT e de sua bandeira) constitui o significado acional. No entanto, essa notícia foi verificada e considerada falsa pela agência Aos Fatos. O significado representacional é composto pelo uso de dissimulação e racionalização. O fato de a notícia ser falsa contribui para a construção de uma narrativa que visa legitimar uma relação de poder assimétrica, na qual Lula é apresentado como uma “persona non grata” para o público que defende o uso de armas. Essa relação de poder assimétrica é, portanto, sustentada pela dissimulação. Além desses dois modos de operação ideológica mencionados, é possível compreender que a construção da imagem de Lula como uma “persona non grata” tem o efeito de gerar o expurgo do outro dentro dessa narrativa.

Em termos de significado identitário, a identidade atribuída a Lula é uma identidade expurgada, uma vez que, ao torná-lo uma figura indesejável para uma parcela do público, projeta-se nele a imagem de um inimigo, ou, no mínimo, de um adversário perigoso.

Considerando que essa mensagem sugere uma proposta de mudança para a sociedade, entendemos que a identidade de Lula construída nesse contexto é uma identidade de projeto, marcada pela associação a uma agenda de transformação, cujas implicações são vistas como ameaçadoras por aqueles que se opõem a esse tipo de mudança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado da análise realizada, foi possível identificar duas principais direções gerais no padrão de operação das cem mensagens investigadas a partir do “Monitor de WhatsApp”. A primeira direção concentrou-se em críticas ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva e ao seu eleitorado, enquanto a segunda foi constituída por mensagens direcionadas ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e aos seus ministros. Este segundo grupo, embora mantivesse uma relação indireta com Lula, destacou-se pela ênfase na formulação de uma narrativa voltada a questionar a legitimidade do poder judiciário e de seus integrantes. Considerando os objetivos desta pesquisa, optou-se por utilizar esse segundo conjunto de mensagens, representado nas imagens 2 e 3, como base para explicitar os procedimentos metodológicos empregados no estudo.

O primeiro grupo de mensagens (representado pelas imagens 4, 5, 6, 7 e 8) foi empregado na composição do corpus de análise. Durante a etapa analítica, as imagens foram organizadas em blocos e subdivisões, sendo as subdivisões aplicadas apenas ao primeiro bloco. Esse processo foi complementado pela descrição do padrão das mensagens em cada bloco e por uma descrição mais detalhada de cada mensagem dentro de seus respectivos blocos. Somente após essa etapa procedemos à análise dos significados presentes nas mensagens.

Para apresentar os resultados da pesquisa, será inicialmente exposto um quadro que organiza os significados identificados em cada bloco analisado. Recomenda-se que a interpretação desse quadro seja feita em conjunto com a leitura do capítulo 4, que contém a análise detalhada.

Quadro 4 - Síntese dos resultados

	Bloco 1	Bloco 2	Bloco 3	Bloco 4
Significado acional	Gênero: difamação Figura: passiva - secundária	Gênero: desinformação/imagem Figura: passiva - secundária	Gênero: postagem em rede social Figura: passiva - secundária	Gênero: -pesquisa - notícia - desinformação/notícia Figura: - passiva - ativa - Ativa
Significado representacional	Expurgo do outro	Expurgo do outro	Expurgo do outro e narrativização	- Expurgo do outro, racionalização e diferenciação - Racionalização e diferenciação - Dissimulação, racionalização e expurgo do outro
Significado identificacional	Identidade de projeto	Identidade de projeto	Identidade de projeto	- identidade de resistência - Identidade de projeto - Identidade de projeto

Fonte: elaboração nossa

Entre os achados relacionados à análise do significado acional, observa-se que o único elemento identificado de maneira recorrente foi a **desinformação**. Durante o processo analítico, essa categoria foi associada ao conceito de gênero discursivo, considerando-se a desinformação, neste contexto, como uma estratégia que exerce influência direta sobre os gêneros em análise. Nesse sentido, a desinformação foi identificada tanto nas imagens quanto no gênero notícia. Cabe ressaltar que o fenômeno da desinformação não fazia parte dos objetivos iniciais da pesquisa, mas foi incorporado aos procedimentos analíticos após a etapa de pré-análise. Nesse momento, decidiu-se por concentrar a investigação nas mensagens relacionadas ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva, em razão da predominância de conteúdos

de cunho negativo em comparação às mensagens sobre o então presidente Jair Bolsonaro, nas quais se observou, majoritariamente, uma abordagem favorável.

Entre as mensagens selecionadas sobre Lula, identificou-se a presença de inconsistências e um apelo emocional marcante, o que levantou a hipótese de ocorrência de conteúdo desinformativo. Em decorrência disso, optou-se por realizar uma verificação dos dados em parceria com a agência *Aos Fatos* e o portal UOL. O processo de checagem revelou a existência de informações incompletas ou levemente alteradas e, em dois casos, informações classificadas como objetivamente falsas. Essas duas ocorrências de desinformação foram as únicas identificadas de forma repetida na análise do significado acional.

Ainda no âmbito do significado acional, analisou-se a construção da "voz" ou "figura" atribuída ao candidato Lula nas mensagens. Constatou-se a predominância de uma voz passiva e secundária, com exceção de duas mensagens pertencentes ao bloco 4, nas quais Lula foi representado de maneira ativa. Essa representação evidencia a limitação na atribuição de protagonismo discursivo ao candidato nas mensagens analisadas.

A análise do significado representacional, com base no referencial dos Modos de Operação da Ideologia propostos por Thompson (2011), concentrou-se na relação entre práticas discursivas e ideologia. Observou-se a predominância do mecanismo de "Expurgo do Outro" em todos os blocos analisados, enquanto o mecanismo de "Narrativização" foi identificado em duas ocorrências. Esse resultado destaca a centralidade do "Expurgo do Outro" como estratégia discursiva amplamente empregada nas mensagens analisadas.

No que se refere à análise do significado identificacional, adotou-se o conceito de identidades proposto por Castells (2021). Identificou-se a recorrência da "identidade de projeto" em todos os blocos analisados, associada a uma única ocorrência da "identidade de resistência". Essas identidades não foram observadas de forma isolada, mas sim em interação, configurando uma relação intrínseca que contribui para a construção da imagem discursiva do candidato Luiz Inácio Lula da Silva. A "identidade de resistência" refere-se, de maneira geral, às identidades marginalizadas pela sociedade, enquanto a "identidade de projeto" relaciona-se a grupos marginalizados que articulam propostas de transformação da estrutura social e de poder. A ausência de uma terceira identidade nesse contexto é um aspecto relevante, o que indica uma construção discursiva específica em torno do candidato.

Ao consolidar os resultados das análises acional, representacional e identificacional, delineia-se uma imagem discursiva de Lula fundamentada em desinformação, configurando uma construção que o apresenta como figura ameaçadora, opositor a ser combatido e defensor de práticas e ideias consideradas inadequadas ou inaceitáveis por determinados valores

sociais. Ele é associado a setores marginalizados que, apesar de excluídos, são vistos como agentes de transformação, propondo mudanças nas estruturas hegemônicas. Essa construção discursiva posiciona Lula como uma ameaça ao *status quo* de grupos dominantes, cuja identidade legitimadora, por outro lado, não lhe foi atribuída nas mensagens analisadas.

Por fim, considerando o anonimato e a ausência de dados pessoais nas mensagens do WhatsApp, não é possível determinar com precisão se esses discursos refletem apenas dinâmicas nacionais ou se possuem também implicações internacionais.

Para avaliar se os objetivos da pesquisa foram alcançados, se as questões propostas foram respondidas e se as hipóteses foram confirmadas, recorreremos ao Quadro Norteador de Pesquisa (QNP) apresentado a seguir, o qual sistematiza e relaciona os principais achados com as questões investigadas.

Quadro 5 - Quadro norteador de pesquisa (QNP)

Questão central	Suposição de trabalho central	Objetivo geral
Como se deu a construção discursiva da imagem do candidato Lula nos grupos de Whatsapp durante o período do segundo turno das eleições presidenciais de 2022.	Há uma construção discursiva expurgada, ou seja, uma construção de imagem que está carregada de discursos de ódio contra o candidato Lula.	Compreender como e qual imagem discursiva foi construída sobre o candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

Questões específicas	Suposições específicas	Objetivos específicos	Fundamentos teóricos	Categorias
Como se construiu o Significado Acional do candidato Lula nos grupos de Whatsapp durante o período de segundo turno das eleições de 2022?	Houve uso de uma voz passiva atribuída ao candidato Lula nas mensagens analisadas.	Classificar gênero das mensagens e analisar sintaticamente se o sujeito “Lula” possui voz passiva ou ativa nas mensagens.	Chouliaraki e Fairclough (1999).	Significado Acional: gênero e voz (ativa ou passiva) do candidato Lula nas mensagens.
Como foi construído o Significado Representacional do candidato Lula	Houve o uso de vários Modos de Operação de Ideologia, com	Identificar quais Modos de Operação de Ideologia (Thompson, 2011) foram	Thompson (2011).	Significado Representacional : Modos de Operação de Ideologia por Thompson

nos grupos de Whatsapp durante o período de segundo turno das eleições de 2022?	predominância de Expurgo do Outro e Dissimulação nas mensagens analisadas.	utilizados nas mensagens analisadas.		(2011).
Como foi construído o Significado Identificacional do candidato Lula nos grupos de Whatsapp durante o período de segundo turnos das eleições de 2022?	Houve a construção de uma identidade expurgada e de projeto do candidato Lula nas mensagens analisadas.	Analisar a identidade atribuída ao candidato Lula nas mensagens analisadas.	Castells (2021)	Significado Identificacional: Conceito de Identidades por Castells (2021).

Fonte: elaboração nossa

Para uma compreensão mais ampla dos resultados discutidos, recomenda-se a análise comparativa entre os dois quadros apresentados. A partir disso, constatamos que a questão central da pesquisa foi esclarecida e o objetivo geral alcançado, conforme evidenciado na compreensão final exposta no parágrafo anterior ao Quadro Norteador de Pesquisa (QNP). A análise permitiu identificar a construção discursiva da imagem atribuída ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva nas mensagens analisadas, confirmando a hipótese central da pesquisa: Lula é representado como um inimigo a ser combatido, expurgado e associado a uma identidade marginalizada e considerada ameaçadora para os setores hegemônicos da sociedade.

Em relação às questões específicas e aos objetivos específicos, todos foram respondidos e alcançados, uma vez que realizamos a análise dos blocos de mensagens nos três níveis propostos (significados acional, representacional e identificacional). As hipóteses específicas também foram corroboradas, com destaque para dois achados que, embora não previstos no QNP, se mostraram relevantes: (i) a recorrência e predominância da categoria "desinformação" e (ii) a combinação das identidades de projeto (predominante) e resistência, com ausência total da identidade legitimadora.

O primeiro achado revela que a construção discursiva da imagem de Lula, elaborada por seus opositores (considerando que Lula foi o alvo principal das mensagens negativas analisadas), baseia-se em uma representação difamatória e desvinculada de sua figura real, construída por meio de conteúdos desinformativos. Essa representação é instrumentalizada para atribuir a Lula características incompatíveis com sua verdadeira identidade, reforçando estratégias de ataque político e ideológico.

O segundo achado, igualmente significativo, refere-se à interação entre duas identidades não hegemônicas. Nessas mensagens, Lula é associado a grupos excluídos e marginalizados pela sociedade, percebidos como agentes com potencial de provocar mudanças na estrutura social e no status quo. Essa construção discursiva projeta uma ameaça direta às identidades legitimadoras que sustentam as relações de poder assimétricas vigentes.

Com base nos resultados obtidos, pode-se afirmar que a pesquisa não apenas respondeu às questões e alcançou os objetivos propostos, mas também identificou esses dois achados adicionais, que permitem inferir que os ataques discursivos dirigidos a Lula estão indissociavelmente ligados a ataques contra os grupos sociais que ele representa. Esses grupos, constituídos por minorias que, somadas, compõem a maioria, são apresentados como uma ameaça às estruturas de poder, justificando os esforços para combatê-los por meio da figura de Lula.

Adicionalmente, os resultados levantam novas questões acerca da interseção entre os discursos de ódio direcionados a Lula e outras práticas discursivas e sociais contemporâneas, como xenofobia, racismo, homofobia, transfobia e demais formas de discriminação. Esses fenômenos, aparentemente interconectados, sugerem que o ataque a líderes políticos que representam grupos marginalizados pode ser parte de um fenômeno discursivo mais amplo. No entanto, mais estudos são necessários para compreender melhor essas conexões e suas implicações.

Por fim, os achados da pesquisa apontam para a urgência de investigações futuras que aprofundem a relação entre discursos de ódio e práticas discriminatórias, bem como para o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas, incluindo a inteligência artificial, que possam combater o uso indevido do ambiente virtual para disseminar ódio e desinformação. Esperamos que as contribuições deste estudo sirvam como base para futuras pesquisas e iniciativas voltadas à construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa.

REFERÊNCIAS

ATAÍDES, Fernanda Barros *et al.* A etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, Minas Gerais, v. 20, n. 48, p. 133-147, out./2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2601>. Acesso em: 29 jan. 2025.

BATISTA JR., José Ribamar et al. **Análise de discurso crítica**: para linguistas e não linguistas. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. 224 p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: a era da informação. 2. ed.10. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. p. 11-428.

BARRAGÁN, Almudena. Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro: na reta final da campanha presidencial, boatos sobre os adversários do ultradireitista aumentaram nas redes sociais. **El País**, [S. l.], pág. 1, 19 fora. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html. Acesso em: 12 nov. 2024.

BENITES, Afonso. A máquina de ‘fake news’ nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp: reportagem do EL PAÍS acompanhou mobilização on-line por três semanas e detectou ativação para responder mídia, mentiras e teoria de conspiração. **El País**, Brasília, p. 1, 28 set. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html. Acesso em: 10 nov. 2024.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: University Press, 1999.

CAUCZ, Lavínia. O TSE manda excluir postagens que atribuem a Lula fala sobre acabar com o cristianismo. **UOL**, [S.l.], pág. 1, 10 fora. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/10/13/tse-manda-excluir-post-s-que-atribuem-a-lula-fala-sobre-acabar-com-cristianismo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 24 out. 2024.

DARNTON, Robert. A verdadeira história das notícias falsas: Séculos antes das redes sociais, os boatos e as mentiras alimentavam pasquins e gazetas na Europa. **El País**, Brasil, p. 1, 30 abr. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html. Acesso em: 10 nov. 2024.

GEARINI, Victoria. De cabelo loiro a promiscuidade: 5 mitos famosos sobre Maria Antonieta: ao longo dos séculos, a rainha consorte da França foi apresentada de maneira equivocada por algumas produções cinematográficas e literárias. **Aventuras na História**, [S. l.], p. 1, 21 nov. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/de-cabelo-loiro-promiscuidade-5-mitos-famosos-sobre-maria-antonietta.phtml>. Acesso em: 11 nov. 2024.

LEÓN, Lucas. Venezuela não é ditadura nem democracia liberal, diz pesquisadora. País vive momento de crise após eleições. **Agência Brasil**. 03/08/2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-08/venezuela-nao-e-ditadura-nem-democracia-liberal-diz-pesquisadora>. Acesso em: 22 nov. 2024

MAGALHÃES, Izabel *et al* . **Análise de discurso crítico**: Um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. 260 p.

MARS, Amanda. Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais?: alguns estudos sugerem que pode não ter sido crucial, outros especialistas destacam que Trump pautou a agenda dos grandes veículos da imprensa. Os democratas lembram que Clinton perdeu por uma pequena margem e afirmam que a operação russa foi um fator. **El País**, [S. l.], p. 1, 25 fev. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655_450950.html. Acesso em: 10 nov. 2024.

O QUE se sabe sobre acusações de 'rachadinha' feitas por ex-assessores contra deputado André Janones. **BBC News Brasil** 30/11/2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5198ypqlj9o>. Acesso em: 22 nov. 2024.

RIBEIRO, Weudson. TSE é contra remoção de vídeos em que Lula xinga Bolsonaro de 'genocida'. **UOL**, Brasília, pág. 1, 1 conjunto. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/01/tse-nega-acao-para-remover-videos-em-que-lula-xinga-bolsonaro-de-genocida.htm>. Acesso em: 24 out. 2024.

SCHREIBER, Mariana. Aumento do Auxílio Brasil não traz votos para Bolsonaro, diz cientista político. **BBC News Brasil**, Brasília, pág. 1, 25 fora. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62017980>. Acesso em: 24 out. 2024.

SILVA, Fernanda de Barros da. **O regime de verdade das redes sociais on-line**: pós-verdade e desinformação nas eleições presidenciais de 2018. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castro de Sousa. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ, 2019. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1027>. Acesso em: 17 out. 2024.

TERCI, S. R. O Brasil Império e liberdade de imprensa. **Aventuras na História** , [S. l.], pág. 1, 26 maio 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-coluna-o-imperio-do-brasil-e-liberdade-de-imprensa.phtml>. Acesso em: 17 out. 2024.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna** : teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TSE determina retirada de propagandas ofensivas a Bolsonaro e a Lula. Tribunal Superior Eleitoral. 13/10/2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/tse-determina-retirada-de-propagandas-ofensivas-a-bolsonaro-e-a-lula>. Acesso em: 24 out. 2024.

VIANA, Lucas Moreira; TAVARES, Maria Leidiane. A construção de Fernando Haddad em grupos bolsonaristas de WhatsApp na campanha eleitoral de 2018. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2347, p. 317-334, set.-dez./2021. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2347>. Acesso em: 24 out. 2024.

50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não tem religião diz, DataFolha. G1.com.13/01/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2024.